

ILUSTRAÇÃO

N.º 193 — 9.º ano



RAPARIGA DA GALIZA

(Quadro de Guilherme Felipe)

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Safu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sélos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Feinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SEculo XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M.ª X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA
ou à LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

O melhor presente

Para o seu médico

Para o seu professor

Para o seu estudante

Para o seu advogado

Para o seu padrinho

Para o seu afilhado

O melhor para toda a gente

OS LUSIADAS, por **Luís de Camões**. Edição ilustrada com 20 heliogravuras em página separada, por *Alfred Bramtot*, 10 vinhetas de remate em heliogravura e 55 desenhos de esquadria e remate especiais a cada canto por *Paulin Bord*. 1 volume de 368 págs. em cartão Velino, edição numerada, no formato de 26 x 34 cm.

Encadernação em carneira gravada com ferros a ouro fino (últimos exemplares) 350\$00

HISTÓRIA DE PORTUGAL, por **Alexandre Herculano**. 8 volumes.

Brochados 96\$00
Encadernados em percalina 136\$00
Encadernados em carneira 216\$00

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, organizada por **Albino Forjaz de Sampaio**. 3 volumes.

Brochados 360\$00
Encadernados em percalina 510\$00
Encadernados em carneira 570\$00

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR, romance de **Júlio Denis**, com 30 aguarelas a cores e 167 desenhos de Roque Gameiro. 1 volume in-4.º com 436 págs., impresso em magnífico papel "couché".

Em brochura 120\$00
Encadernado em percalina 150\$00

TOJOS E ROSMANINHOS. Obra póstuma de **Alfredo Keil**. Um magnífico volume de 150 págs., impresso em bom papel "couché", e ornado de 38 belas gravuras, 18 fototipias, além do retrato do autor e um prefácio de D. João da Câmara.

Encadernado em percalina 75\$00

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, por **Cândido de Figueiredo**. 2 grossos volumes encadernados em carneira com 2.230 págs., 250\$00. É esta, incontestavelmente, a obra mais completa e autorizada no género. Ortografia antiga e moderna.

HISTÓRIA DAS TOIRADAS, por **Eduardo de Noronha**. 1 volume de 396 págs., formato album, com 26 magníficas estampas a cores.

Encad. em perc. com ferros especiais 50\$00

HISTÓRIA DE GIL BRAZ DE SANTILHANA, por **Le Sage**. Grande edição popular ilustrada com cerca de 400 gravuras intercaladas no texto, e 30 estampas a cores em separado. 1 volume in-8.º grande com 714 páginas.

Brochado 30\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
 Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
 Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 50 - Lisboa
PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada)	30\$00	60\$00	120\$00
Ultramar Português (Registada)	32\$10	64\$20	128\$40
Espanha e suas colónias (Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil (Registada)	—	63\$00	126\$00
Outros países (Registada)	—	67\$50	135\$00
	—	66\$00	132\$00
	—	75\$00	150\$00
	—	75\$00	150\$00
	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SAMUEL MAIA
 Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
 encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

O pó que lhe convém



Dansando em salas de baile sobre aquecidas, estando diariamente ao sol, ao vento, sob a chuva... na praia... no tennis... no golf... em toda a parte onde é preciso aparecer com superioridade... tem V. Ex.ª necessidade dum pó que se conserve; um pó que não caia e não deixe aparecer o brilho do nariz ou uma face luzente e congestionada, V. Ex.ª tem necessidade dum pó de arroz que se harmonize naturalmente com a sua tez... que seja impossível de se ver... um pó que se estenda perfeitamente sobre a pele e se fixe duma maneira uniforme, V. Ex.ª tem necessidade dum pó que seja puro e inofensivo.

V. Ex.ª tem
necessidade do pó Tokalon

Só o Pó Tokalon contém «mousse de creme» (processo patentado) ingrediente recentemente descoberto que vos permite trazer o pó durante todo o dia, faça o que fizer, até que o tire quando se lavar e que dê à vossa pele uma frescura impossível de descrever.

Por este facto não é para admirar que 3.000.000 de mulheres empreguem o pó Tokalon todas as manhãs, celebridades do teatro, Estrelas do cinema, as mulheres mais belas da sociedade, numa palavra, as mais lindas mulheres de Portugal, França, América e Itália exigem hoje o pó Tokalon.

Os compactos Tokalon (Comprimidos) contém também a «Mousse de Cremos». O Pó e o Rouge são ambos muito aderentes.

Qualquer coisa de novo, diferente e melhor.

O Pó-Tokalon
 O Pó
 de «Mousse de Creme»
 (em dez cores diferentes)



A venda em todas as perfumarias. Não encontrando na vossa localidade, dirigir-se à Agência Tokalon de Lisboa (secção I.L.3, 68, rua d'Assunção, que atende na volta do correio.

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu extraordinário valor está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO **Dr. A. LORAND**

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilla

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslovaquia, Espanha, Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Italia, Suecia, França

INDICE:

CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroidea, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroidea sustentada por uma hygiene bem compreendida.—III. Hygiene do fígado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra-renais. Causas e tratamento de arterioesclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre cronica.—VI. Hygiene do intestino.—VII. Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doenças dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV—Hygiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a hygiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos—IV. Meios de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar. III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI—Hygiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a hygiene alimentar.—II. Alimentação carnea. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens duma alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do apetite. Vantagens duma boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a ele.

CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Hygiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insomia.

CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Hygiene sexual. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX—Hygiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doença não é mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intelectual intenso.

CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

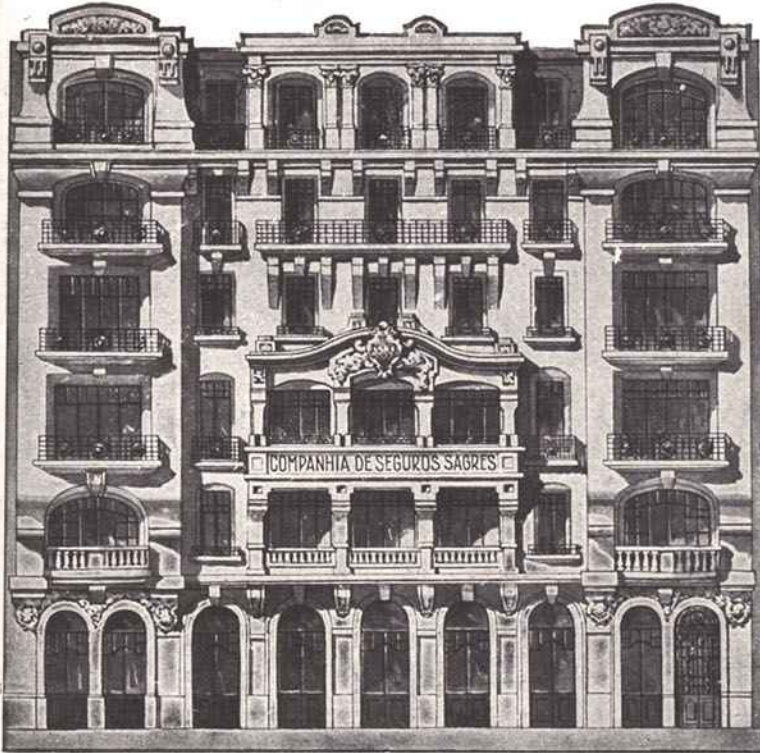
O MAIS COMPLETO EXITO—O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

I volume de 244 páginas Esc. 10\$00
Pelo correio á cobrança Esc. 12\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

SAGRES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA

— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO

MARITIMOS

AUTOMOVEIS E POSTAES

Obras de GUIDO DA VERONA

Dêste conhecido e apreciado escritor italiano vai brevemente a

LIVRARIA BERTRAND

iniciar a publicação dos seus romances.

O PRIMEIRO A SAÍR É:

Mimi Blulette, flor do meu jardim

A SEGUIR:

**A vida começa amanhã — Solta as
tranças Maria Madalena e outros**

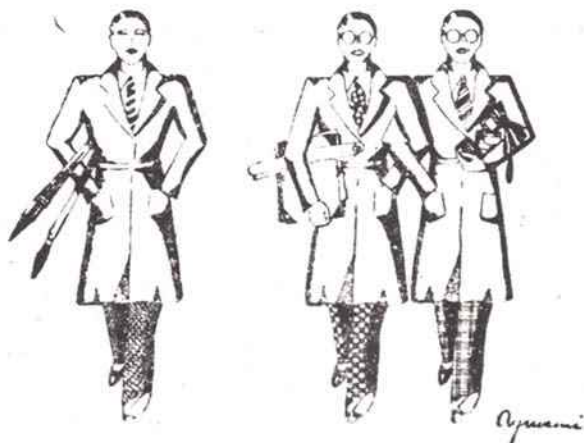
Os livros de GUIDO DA VERONA, cheios de emoção, interêsse e realismo, e que tem alcançado o maior sucesso em todos os países onde tem sido traduzidos, serão apresentados em português em magníficas traduções e com capas a côres.

Dirigir desde já pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**
2 1368 **IRMÃOS, L.^{DA}**
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Grande sucesso literário

3.^a EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

Prémio Ricardo Malheiro

Conferido pela Academia das Ciências de Lisboa

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 15\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

MARIA BENIGNA

O novo livro de **AQUILINO RIBEIRO**

Está no 4.^o milhar

Autor consagrado, de mérito incontestável, a aparição dum novo livro de **Aquilino Ribeiro** é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de **Aquilino Ribeiro**, e que transmitem à **MARIA BENIGNA** uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . . Esc. 12\$00
Encadernado Esc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Acaba de sair a nova edição do

DESENHO DE MAQUINAS

da Biblioteca de Instrução Profissional

1 volume de 344 páginas,
283 gravuras e 91 estampas.
Encadernado em percalina, Esc. 30\$00 — Pelo
correio à cobrança,
Esc. 32\$50

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

ANO que finda, ano que começa, comportam, um desilusão, outro esperança. O que acaba não enche a medida de felicidade que se pedira; confia-se em que o próximo a faça transbordar.

Sucede assim desde que se conhece o fenómeno da entrada do ano novo. Apenas entendido, começou a prática, aos homens agradável, em diversas oportunidades, de insultar a força que desce, glorificar a que sobe. Assim se faz às divindades, aos poderosos e aos anos no declínio.

Chegou a hora de 1933 ser exautorado, repellido, posto no rol dos malfeitores e trapaceiros. Cada bôca vocifera a sua vaia. Vituperam-no em tôdas as línguas, os que durante a sua passagem ancearam a paz, a justiça, a satisfação do ódio, do amor, do ideal nobre, ou da maldade.

Assim se manifestam os que desejaram pão e agasalho para forrar o ventre por dentro e por fóra e não o obtiveram. Do mesmo modo procedem os que esperavam acrescentar a fortuna e a diminuiram; os que pretendiam exaltar o orgulho e o abaixaram; os que contaram exercer a vingança e não o conseguiram. Houve poetas que não acharam o carne, escritores que não conceberam a sublimidade, artistas que não realizaram obra, sábios que transviaram na descoberta, ricos que ficaram pobres e pobres que não ficaram ricos, financeiros que não enganaram o seu semelhante, economistas que o não roubaram, mulheres que não descobriram a Fonte de Juventude, nem o enfeite que lhes assegurasse a vitória entre as filhas de Eva.

Foi um mar de desilusões que o 1933 acumulou contra o requerido e esperado pelos que o saudaram ao nascer. Não se acabaria de enumerar os desesperos que a esta hora vão nos corações, ao fechar do balanço. Nações e particulares afinam pela mesma nota de desconforto. A Rússia colhe-o de não ter espalhado o seu sistema, a Alemanha de não atravessar o mundo com uma espada, a França de o não meter na gaveta, a Itália de não implantar o terceiro império romano, o Japão de não enganar a Ásia, a América e a Europa, a Inglaterra de não vencer o dolar, a U. S. A. de não vencer a libra, Portugal de não conseguir fazer um gesto significativo a essas e outras moedas para começar vida independente. E não foi só êsse o desapontamento sofrido pelos naturais da ocidental pátria lusitana, também ditos os lusíadas. Houve mais e pior, pelo que apoquentou de entranhas sensíveis.

JUIZO DO ANO

Começa nos que ambicionaram conseguir na vigência de 1933 a ditadura dos seus sonhos, carrancuda, féra, à maneira germânica, ou russa, e não mudaram da que tinham. Continúa pelos que esperaram a vinda de um Afonso Costa com a espada de fogo, a própria do dia de juízo para julgar os vivos e os mortos e distribuir céu ou inferno, segundo as caras ou carantonhas que se apresentam a julgamento. Segue pelos que almejavam a ventura de um Salazar prazenteiro, venha-a-nós, dadivoso, um Salazar para todos, comunicativo, acendalha de corações, o que não quer dizer um Salazar disperso pelas esquinas, popular até à vulgaridade. Vêm depois os que se limitaram a querer uma gente equilibrada de juízo, sensata, um povo menos rude, menos analfabeto, menos sujo e miserável, governado por um Poder de mais vivacidade, mais despertador do optimismo e alegria com que se realizam os grandes milagres de redenção.

Chegaram todos ao fim desconsolados, sem terem alcançado a mínima parcela do que desejaram.

Pois o insucesso não os impede de apresentarem ao 1934 que acaba de nascer, petição idêntica.

Não têm emenda. De mãos postas, em súplica, vemo-los de novo, os mesmos do ano findo impetrando o milagre ao ano novo.

E querem-no completo, sem abatimento ou dispensa de exageros que a experiência repudia. A derrota sofrida não basta para ensinar a medida do exequível.

O ano novo lógico, viável, o único ano bom, prático, ninguém o apetece porque não satisfaz a paixão de possuir o ilimitado. A confiança no maravilhoso que encadeia o homem e o cega, leva-o a reincidir na teima de alcançar em 1934 a felicidade que 1933 lhe negou. Aí se despejam tonéis de vinhos alegres a saudar a luz que desponta, para decorridos 365 dias a cobrir de sarcasmos.

Ora aos seis leitores fieis desta crónica, muito estimados por serem fiéis durante êsse mesmo período, se pretende oferecer um juízo do ano, prudente, seguro que possa livrá-los de desilusões graves e lhes permita sorrir à fortuna modesta que os espera.

Consultados os augúrios usuais, movimento dos astros, entranhas de vítimas e outros dignos de crédito, veio a concluir-se esta súmula.

A crise económica prosseguirá no seu caminho sem temer as descomposturas de Roosevelt, Mac-Donald, Staline e Mussolini. A libra e o dolar continuarão jogando a cabra-cega; e o franco amuado teimará em não brincar. O escudo permanecerá a criança estouvada de sempre, entretido a mascarar-se de moeda, para entrar no carnaval em que muitas outras se divertem.

A percentagem de analfabetos em Portugal baixará uma unidade; teremos 49% em vez de 50%.

O número de portugueses, comidos pelas moscas no verão e congelados pelo frio no inverno, quedará o mesmo. A finança pública prosseguirá na sua marcha ascensional. O palácio da Mitra receberá muitos comensais, escolhidos entre os mendigos descarados e pobres envergonhados que no curso do novo ano devem engrossar em quantidade e qualidade. Esperam-se dentro da classe mais uns raros alpedrinhas e algumas pessoas de bem.

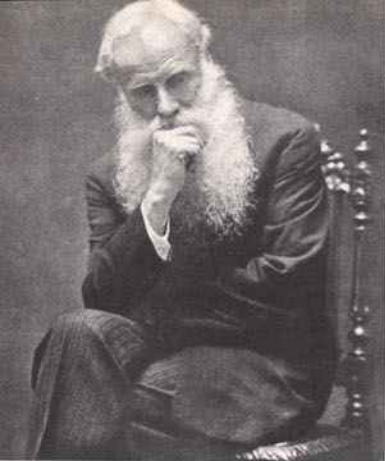
Conservaremos o mesmo Salazar grave, sizudo, de poucas falas, vigente em 1933. Não teremos o colérico, pedido pelos ditatoriais de faca e alguidar, nem o sorridente, tu cá tu lá com a turba do «panem et circenses». O vinho continuará barato, o pão caro, a fruta bichada, a carne dura, os eléctricos de Lisboa a ser fechados no verão, abertos no inverno, os raios do Júpiter a partir as cabeças que deviam ficar inteiras, e a poupar as que melhor fôra fazer em estilhas.

E desses bons raios, dos maiores e mais duros, não se encontrará um para reduzir a pó mais uma abantesma de bronze que ao findar o ano se vê no alto da Rotunda, enjaulada em madeira. Mesmo se espera que ao ser liberta de obstáculos e deixada à solta, de carranca ao léo, passe a ser o papão dos lisboetas meus. «Cala-te, que vem aí o Marquês para levar-te na boca do leão».

No fim de 1934 deve ser correntia a ameaça assim apresentada.

Aqui termina o triste juízo do ano que começa.

Samuel Maia.



Jaime Magalhães Lima

QUANDO leio M.^{me} de Sévigné, não são figuras do seu tempo que tenho diante de mim, gente empoadada, cabeleiras altas, sêdas, veludos, rendas, espaldas amplexuosas, e tudo o mais da mobília intrinsecamente sensual daquelas eras de requintes, alcapremados em taçoes de três polegadas. Quando leio M.^{me} de Sévigné, a tónica aparição que me visita e acompanha, insistente, tenaz, indelével, é aquela imagem da vibração infinita que a inspiração de Rafael Bordalo Pinheiro estampou no «Album das Glórias», baptizando-a com o nome de Eça de Queiroz — feixe de nervos matizado de muitas côres e cambiantes, refugiado do mundo agreste no canto dum sofá, donde trémulo irradia fulgurações, sem termo nem repouso, que só em movimento sabem e querem perpétuar-se. Ali cessou toda a ideia ou tentação de estabilidade.

Quando a crítica mais segura atribuiu a M.^{me} de Sévigné, «naturalidade, desenfadado, imprevisível, um modo agudo de dizer as coisas, a imaginação brilhante e leve, e com isto governo, segurança de carácter»; «surpresas, efervescência inafigável, variedade inexaurível, tudo aquilo que é necessário para reanimar eternamente o interesse»; — de todas essas opulentíssimas riquezas, que Scherer contou no dote de M.^{me} de Sévigné, de todas sinto anchamento herdado Eça de Queiroz, frequentemente e de sua iniciativa as acrescentando com outros e copiosos bens, e nem um só momento deslustrando, por froxidão na energia de o manter, êsse soberbo património. Até a legenda com que Bussy Rabutin ampliou o retrato de M.^{me} de Sévigné; até essa me parece facilmente adaptável ao retrato de Eça de Queiroz.

Rabutin escreveu: «Femme d'un génie extraordinaire, et une vertu compatible avec la joie et les agréments»? Pois bem; escreva-se «homme» onde está «femme», substitua-se por «philosophie» a «vertu», e, não duvidemos, a transposição do génio eminentemente gaulês do século XVII acerta como uma luva na ma-

leabilidade portentosa do génio incidentemente português, seu digno parceiro, do século XIX. Esta arte de volatilizar incessantemente a emoção e o pensamento, a ternura e a reflexão, a ideia e o desejo, esta arte de destituir de péso a vida está em Eça de Queiroz e em M.^{me} de Sévigné na mais perfeita coincidência. De M.^{me} de Sévigné a Eça mudaram as preocupações, os tempos as tornaram diferentes e incomparavelmente mais complexas nas praças da Revolução Francesa que na côrte de Luiz XIV — preocupações, advirta-se, pois que de paixões soube por igual isentar-se o temperamento dos dois génios famosos, cada um dos quais retratou claramente a sua época; mudaram as preocupações e multiplicaram-se, evidentemente, mas não mudou o filtro que as decanta de espírito a espírito, e ali, na arte que foi comum a êsses dois poderosos intérpretes da sua hora, nem a dôr nos prostrará em convulsões de desespero, nem as alegrias nos transportarão à embriaguez dionisiaca. A vida, em toda a contingência, lhes passa como afoço, alada, uma suavíssima ondulação; não poisa, não oprime, e nem sequer prende. Natural, docemente natural em toda a hipótese, é um murmúrio e uma brisa que em qualquer conjuntura, feliz ou contrária, tanto molesta como imediatamente abranda e cura, e assim se exprime na doce volubidade do estilo que no-la revela e confessa.

Êste modo de ser imprime, porém, pela sua própria persistência certo carácter de feminilidade ao estilo — o que não é fragilidade, note-se desde já, para evitar equívocos. A feminilidade é uma das formas mais enérgicas da força, uma fascinação prodigiosa que não tem rival entre as influências que nos dominam. Poderá Vergílio, na mais cândida boa fé de bem servir a gravidade romana, aconselhar a Eneas que parta e não se atarde prisioneiro de lágrimas e rogos feminis; «mutabile et versatile semper foemina». Embora! A realidade, muito mais complacente, nem por isso deixará de nos

A história da literatura portuguesa, nestes últimos cinquenta anos, ficou enriquecida, desde há dias, com uma obra de Jaime de Magalhães Lima — figura de escritor estudioso e observador e autor de volume interessantíssimo «A Ilustração portuguesa e os seus mistérios» — intitulado «O Amor das nossas coisas e Alguns que bem o serviram». É um livro onde os novos muito têm que aprender e onde os velhos recordam os tempos em que Romalho, Eça, Antero, Camilo, Oliveira Martins e Silva Gago deram a lume os seus escritos. Jaime de Magalhães Lima estuda as letras portuguesas de há cinquenta anos a esta parte, analisando e observando o que melhor as cultivaram. Presta homenagem aos talentos dos que morreram e coloca dois volumes de primeira grandeza da poesia de hoje, em paralelo com os que já existiam. São eles Alvaro Lopes Vieira e António Correia de Oliveira. Nestas duas páginas estampamos parte do capítulo referente a Eça de Queiroz. Merece-o não só o nome de Jaime de Magalhães Lima como o do autor dos «Mistérios». É uma peça literária digna de ser conhecida dos nossos leitores.

O Amor das nossas coisas e Alguns que bem o serviram

Um estudo sobre Eça de Queiroz

consentir, e até exigir, que nessa mutabilidade hesitante e dubitativa, como Deus a criou, o homem se enrede gostosamente e, de ordinário, muito mais completamente que na firmeza e invariabilidade que em outros reinos o vençam. A feminilidade do estilo e suas infundadas graças, se é que em Eça de Queiroz, encarnaram, como imagino, terão sido e serão ainda as armas terrivelmente penetrantes com que nos subjugou; e, em contraste, a virilidade do estilo de Herkulano, ou de Antero, ou mesmo ainda de Oliveira Martins, com toda a austeridade psicológica e estética que lhe é peculiar, mostrar-se-á relativamente frouxa em poder de captação. Porventura quanto é austero, afirmativo e inflexível, por isso mesmo que comprime, mortifica; e será de eficácia muito mais precária, muito mais sujeita a desinteressar-nos, que as formas de insinuação lassas. Serão estas que não reclamando maior disciplina e esforço, mais depressa arrastam, enquanto nos dão a ilusão de seguir os erros do nosso espírito em vez de imperativamente os castigar e governar.

Talvez que, reflectindo dilatadamente nestes contrastes aqui esboçados e que as letras portuguesas em todas as épocas nos mostram em diverso grau e acentuaram com desusada eloquência entre os magnates do século XIX, talvez que por aí se nos abra caminho para conhecer menos absurdamente o estilo próprio, específico, da nossa gente e da literatura nacional, aquele que as condições étnicas e históricas nos impuseram e se nos tornou constitucional.

Em primeiro lugar, consideremos quanto o estilo de Eça de Queiroz é fundamentalmente gótico e romântico, ávido de liberdade e aventura e cor. Mansamente enlevado na pluralidade das linhas, tão indistinguíveis como impavemente harmónicas, de continuo em certo estado de transigência ininterrompida, substancialmente avessa a estações amudiadas em ancoradouros da sua predilecção que o petrificou ou endureçam em limitados moldes, o estilo de Eça de Queiroz é abertamente gótico — dando ao gótico a acepção que em arquitectura Lethaby atribuiu a esta palavra, «cristalização da era do romance», «franco, alegre, claro, místico, e sadio, não se podendo pôr apenas em termos de forma, mas compreendendo um espírito, uma aspiração», aliás francamente oriental pela profusão de aspectos que o gótico nos trouxe do Oriente e tanto briga com a sobriedade congénita do Ocidente romanizado.

Não se esqueça, em seguida, que a infância literária de Eça de Queiroz, alimentada pelas opulentas seivas românticas que em redor do seu bérço flutuavam, alguma coisa beberia dos seus filtros poderosos e se lhe inocularia no sangue para toda a vida. O romantismo não dava

ainda sinais de caducidade quando Eça de Queiroz veio ao mundo. Não podia deixar de entrar como quinhão indeclinável na sua paternidade directa mais próxima. E o romantismo foi gótico até à medula dos ossos. Não é sem razão que a literatura romântica amudiadas vezes se alvoroca e embrenha em ressurreições mediévicas; a aspiração da liberdade e a opulência que a arte gótica subentende em seus impetus será também, e não menos, razão de ser do romantismo que êle não foi parco em reconhecer nas suas obras e monumentos. De tendências sem-lhantes haveria Eça de Queiroz de ser abundado, por legado dos seus maiores e por força do ambiente em que cresceu. Sem embargo, mudariam muito as coisas a que tinha de as aplicar, mas as vias de concepção estética e as suas traduções concretas, a natureza do princípio inicial da gestação literária, essas é que seriam para êle as mesmas que foram para o romantismo, sômente enriquecidas pela destreza e actividade maravilhosa em que o génio agora corria a usá-las.

Ora na arquitectura, como nas demais formas da arte nacional portuguesa, o gótico sômente aparece a título de excepção, afloramento esdrúxulo, acidente por vezes brilhante, mas em todo o caso acidente, o gótico em parte alguma de Portugal oculta a heterogeneidade com a atmosfera em que por sorte estranha surja. A Batalha não criou família arquitectónica popular, não pôde consubstanciar-se com as plebes nem por bartardia, como Eça de Queiroz não pôde nem poderá criar família literária e propagar-se no vulgo senão para suscitar encanto e pasmo, e nunca para se reproduzir em obras congêneres nascidas de palpação criadora comum. «Inter viburna cupressus», cedro altíssimo, evidentemente, é diverso da espessura dos laurestins que rasteja na sua sombra e cobre a terra e a veste e adorna, e lhe dá o seu alento, e a tinge na sua opacidade. Pela eminência e relêvo com que se erguem aos astros, os cedros balizam montes e caminhos, mas não os laurestins e os da sua igualha que, de facto, dão a cor ao chão. Esses é que são a sua túnica. Para o temperamento nacional, ceteroniano, compassado, autorizando a riqueza, mas desconfiando da sensibilidade e, quando sobreceenho, levando-a à conta da enfermidade, o gótico será sempre o capricho, o desvio da regra, a expansão fortuita efêmera, posto-que ardente e magnífica, um esporte, no sentido em que o inglês moderno usa chamar esporte a gerações erradias das espécies vegetais, eml.ora essas gerações representem fenómenos de superior beleza e peregrina graça que engrandecem e nobilitam a espécie genuína, revelando-lhe a capacidade virtual de multiplicação da

formosura, e sem que, adventícias e aristocráticas, possam substituir ou sequer perturbar a continuidade essencial, íntima e externa, dos seres de que derivaram.

O sr. dr. Reinaldo dos Santos, com a superior intuição estética e erudita agudeza de exame que lhe atribuem lugar privilegiado entre os nossos críticos de arte contemporâneos, por mais dum vez tem acentuado o valor e preponderância do românico na definição do carácter da arte portuguesa. O ilustre escritor, na sua «Torre de Belém», achou que êste monumento «revela logo nas suas proporções aquele profundo sentimento românico que havia de ser uma das características da arte nacional»; mas êsse mesmo monumento, simbolizando «como padrão histórico o nosso esforço de cristianização do Maghreb e como monumento artístico a islamização da nossa arte» não irá todavia além de «uma conversão superficial, que envolve apenas o seu rito decorativo, mantendo intacta a robusta estrutura romano-gótica, que formava o fundo do sentimento artístico e religioso da raça».

Mais recentemente, no «Guia de Portugal», voltou o sr. dr. Reinaldo dos Santos a insistir na influência e significação do românico na arte portuguesa, e dilatando-lhe então a amplitude das suas relações, em singular e penetrante discriminação das raízes mestras da arte nacional, atribui ao românico uma missão superior, na qual as predilecções da forma trazem não só a imposição geológica local como também as inclinações psicológicas fundamentais do espírito que recebeu e interpretou essa imposição. E diz-nos: «Por afinidades de raça e vizinhança com a Galiza», o românico será «a mais importante coadunação das formas com a matéria regional (o granítico) e até concordância com o carácter português — forte, rude, crente o sem requinte».

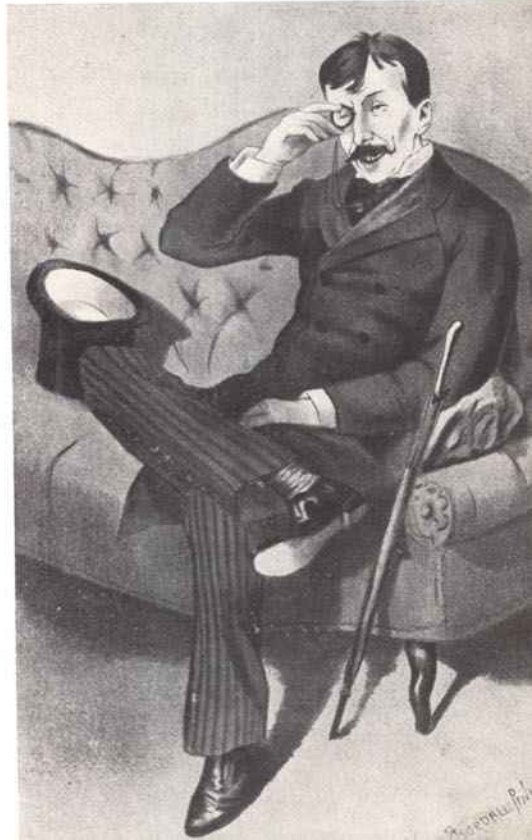
Por diuturnidade de acção e invariabilidade dos elementos étnicos e geográficos conjugados ou em confronto, esta influência do românico tornou-se orgânica; assistirá incorruptível a todas as vicissitudes da nossa arte,

e nem nos seus mais desvirados erros deixará de salvar-se, mercê das gerações e filiações estéticas que do seu princípio vital dimanam. O que aconteceu no reinado de D. Deniz e muito a propósito é lembrado pelo sr. dr. Reinaldo dos Santos, o momento do início da infiltração ogival, no qual logo se verifica que essa arte, por ao tempo ser nova, não tanto se liberta da antiga que deixe de efectuar-se «sempre cheia de reminiscências daquela arte (a românica) que tão profundamente se enraizou no sentimento nacional» — esta tutela do românico será um poder indestrutível em todo o movimento da arte portuguesa, sem embargo da muita vária intensidade com que se manifesta nas diferentes épocas que acompanhou.

Sendo, porém, um modo de ser psicológico da grei, uma concepção e um anseio da beleza, não pode o românico limitar-se à arquitectura e às pedras que ela usa.

Na sua mais íntima essência brotando de tendências comuns constantes, é a tradução não de um mero expediente técnico, mas de propensões amínicas substanciais.

Jaime Magalhães Lima.



Eça de Queiroz

Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro publicado no «Album das Glórias», com a legenda: «Homem sói qui mal y pensa».

ENTRE os portugueses que vivem em Terras de Santa Cruz alguns há que merecem, pelo seu trabalho—quando não pelo seu talento—ser conhecidos dos seus compatriotas. Se o Brasil já deu o relêvo necessário aos seus nomes é justo que Portugal saiba também o valor que eles têm. Está neste caso o grande artista Jaime Augusto da Silva, que há quarenta anos vive no Rio de Janeiro, onde grangeou uma situação artística de formidável destaque.

Tendo abalado para o Brasil como simples marçano, ali se fez anos depois cenógrafo. Apesar de ter ido recomendado à firma Alegria & C.^a e de ter, durante vinte e quatro meses, estado ao baleão dum estabelecimento, a sua paixão era o teatro e o desenho. Durante os dois anos que foi marçano não perdeu um espectáculo. Todo o dinheiro que tinha, era para comprar uma «geral». Amava a arte cénica e cultivava ao mesmo tempo a pintura com rara habilidade. Um dia, foi parar às mãos do empresário Dias Braga—funchalense de nascimento—um dos desenhos de Jaime da Silva. Era o esboço dum cartaz da peça que no seu teatro se representava. Achou-o bem e mandou-o reproduzir imediatamente. Encarregado de fazer novo cartaz, Jaime da Silva, em pouco tempo, era desenhador oficial da companhia. Começou a pintar cenários. A sua situação, graças ao apadrinhamento de Dias Braga, ia subindo. Dentro de anos os seus audaciosos desenhos eram conhecidos no meio artístico do Rio. O seu nome começava a ser falado. O teatro, que era a sua paixão, estava sendo o seu futuro. Depois fez-se actor. Ainda representou alguns anos, mas a cenografia apaixonava-o. Dedicou-se inteiramente a essa arte e actualmente é considerado o maior cenógrafo da America do Sul.

Há dias, o crítico teatral Jorge de Faria—incontestavelmente hoje o homem de teatro que mais profundamente conhece o seu «metier»—escrevendo sobre Jaime da Silva, disse que nos teatros brasileiros, argentinos, chilenos e uruguaios os seus cenários avultam entre todos pelo segredo da sua composição, pelo admirável da perspectiva, pela finura do colorido, pelo que há de artisticamente imaginado na sua contextura.

O nosso compatriota, além de se dedicar ao teatro, tem colaborado nas grandes festas carnavalescas do Rio. Esse seu trabalho é que o tem tornado popular. Não há brasileiro que não saiba o seu nome de cór. E, neste capítulo, há que dar

Um artista português que vive no Brasil há 40 anos e que honra o nome de Portugal

a palavra a Mário Monteiro, advogado conhecido e escritor brilhante, que assim definiu esses festejos e o papel que Jaime da Silva neles tem desempenhado:

«Para que se consiga ser falado, discutido e aplaudido no meio dessa libertação da máscara de sempre, de clangores satânicos e marchas vibrantes, de rondas fantásticas e sombras desejadas e fugidias, do turbilhão de almas e corpos, de risos e nervos, dominando a «tempestade psicológica» de que nos fala Sighele, é, na verdade, preciso que



Jaime Augusto da Silva

se agrade muito pela sua arte, que se tenha realmente valor!

Cruzam-se, pelas ruas, às centenas, aos milhares, *pierrots* e *pierretes* de variadas côres, dominós, palhaços, fidalgos, damas antigas, costumes regionais, tipos de várias épocas, pagens e baianas, dando o braço em leal camaradagem mal os clarins anunciam a fase carnavalesca nas suas horas culminantes.

E toda essa gente se esquece dos trajes que enverga, das falsas atitudes que lhes são adequadas, para se embevecer na passagem dos préstitos dos quatro grandes clubes: *Democraticos*, *Fenianos*, *Tenentes do diabo* e *Pierrots da Caverna*. Há quem tome partido pelos «carapicús» ou pelos «gatos», pelos «baetas» ou pelos «moleiros» e até a Prefei-

tura subsidia esse passeio tradicional através da cidade. Seguem «ranchos», «cordões», «grupos» e «bloco» que também gastam centenas de contos disputando, graça,

luxo, arte e originalidade.

Mas, acima de tudo, o momento emocionante para o povo carioca, fortemente entusiasta, é a passagem dos cortejos na Avenida Central.

Delira em bravos e palmas em frente dos carros-chefes e dos outros alegóricos que são um vivo comentário à vida mundial e à nacional com a crítica oportuna e hilariante dos factos e dos homens que atraem as atenções públicas tanto nas artes, nas letras e nas indústrias como na política e nos costumes.

O Carnaval no Rio, rival do que se julgue mais afamado, é quasi uma revista de ano palpitante e gratuita para a turba que assiste e que, pela prática de semelhantes torneios em anos consecutivos, já dispõe de uma certa educação artística especializada na matéria.

Pois Jaime da Silva de tal modo impõe o seu trabalho que o povo aplaudindo-o, já se acostumou a dar vivas a quem o executa, em consagração espontânea e sinceramente justa».

Até nós já veio o pincel de Jaime Silva. A companhia brasileira que esteve em Lisboa quasi só trouxe cenários dele. Ninguém em tal reparou. A companhia Velasco, quando da sua passagem pelo Brasil, encomendou-lhe vários cenários, que nós depois admirámos sem saber de quem eram... Nenhuma revista, nem peça, se monta hoje no Brasil, sem que Jaime da Silva seja chamado. Isto não se sabe entre nós, e é necessário que se saiba. Devemos conhecer os artistas portugueses, ainda que eles não vivam em Portugal. Jaime da Silva, que é natural de Arouca, abalou para o Brasil moço ainda, tinha apenas 12 anos. Hoje tem 52. Nunca mais aqui voltou. Dizem-nos que em breve nos visita. Nada conhece de Lisboa. Só a viu, de passagem, quando de Arouca foi para o Rio de Janeiro. Lisboa, a Lisboa artística, deve recebê-lo como tem incontestável direito o seu talento. Jaime da Silva merece uma recepção afectuosa. Portugal—palavra que pronuncia sempre com as lágrimas nos olhos—deve ter para com ele as atenções a que tem jus o seu grande valor. Nunca esqueceu a sua terra, a sua pátria. Há que saber abrir-lhe os braços e que premiar, seja de que maneira fôr, o relêvo que tem dado—pelo seu talento—ao nome de Portugal.—A. DE A.

O general Gouraud

gloriosa figura do exército francês

esteve em Lisboa durante algumas horas

DE passagem para o Sudão, onde vai representar o governo francês nas cerimónias comemorativas do cinquentenário da chegada ao Níger dos primeiros contingentes do

representantes das autoridades militares e da Liga dos Combatentes.

O general Gouraud, que é o actual governador militar de Paris, depois de ter recebido os cumprimentos a bordo, dirigiu-se para a Avenida da Liberdade

Junto do monumento dos mortos da guerra era aguardado pelos srs. general Daniel de Sousa, comandante militar de Lisboa; tenentes-coroneis Bento Roma, Garcia, Freitas, Freitas Garcia e Mota Marques; majores Rato, Pinheiro Correia, Eduardo Meneses e Olimpio de Melo; capitães Vasconcelos de Andrade e Marques; dr. Mac-Bride Fernandes e outros directores da Liga dos Combatentes; delegações das agências de Vila Franca de Xira, Arruda dos Vinhos, Oeiras e Mafra; alguns antigos combatentes franceses, belgas e portugueses; representantes da Comissão dos Padrões da Grande Guerra e da «Fidac»; alunos das escolas francesa e portuguesa para os filhos dos combatentes; senhoras das colónias belga e francesa; e ainda um grupo numeroso de mutilados.

Logo que o general Gouraud desceu do automovel, a banda de caçadores 5 entou a *Maria da Fonte* e a *Marselhesa*.

Uma rápida revista passou à guarda o heróico militar francês, que antes havia recebido os cumprimentos do sr. comandante militar de Lisboa.

Crianças das escolas citadas entregaram-lhe então lindos ramos de flores. O general



O general Gouraud cumprimentando os mutilados de guerra portugueses

exército do seu país, esteve há dias em Lisboa, o general Gouraud, uma das mais gloriosas figuras da grande guerra. A sua acção na conflagração europeia tornou o seu nome mundialmente conhecido.

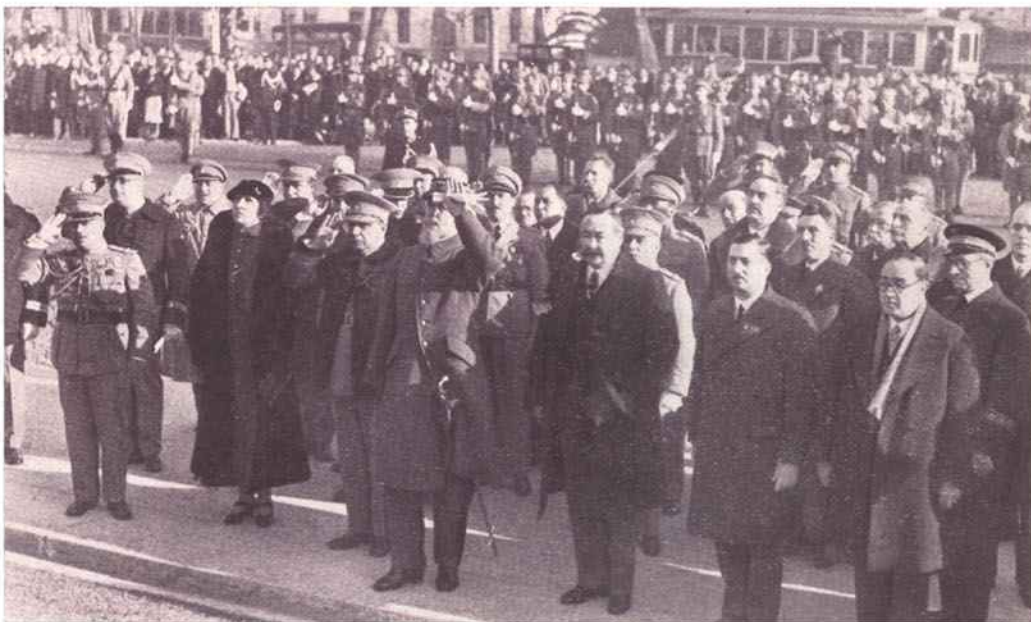
Antes, porém, de 1914 a sua acção militar exerceu-se em Marrocos onde a sua espada apontou às tropas francesas caminhos de vitória contra os bravos tuargues.

Derrotado o chefe Samory, dessa tribo de negros rebeldes, e combativos como poucos, Gouraud fez a ocupação militar do vale do Níger.

Onde o general Gouraud mais tarde se salientou foi nos Dardanelos. Foi nessa campanha portentosa que perdeu um braço o glorioso oficial do exército francês e foi ali que também o seu nome atingiu a máxima popularidade e conseguiu consideração universal.

Acompanha-o ao Sudão uma missão militar composta de altas individualidades do exército francês.

A chegada do *Massilia* estava o sr. ministro da França e re-



Ao toque da «Marselhesa» toda a missão militar francesa se perfila em frente do monumento



Após a colocação duma palma de bronze, no pedestal do monumento aos mortos da grande guerra, o general Gouraud faz a continência

Gouraud beijou-as enternecidamente e dirigiu-se o grande mutilado da guerra, aos mutilados portugueses, a cada um dos quais apertou efusivamente a mão.

Depois disso, entre o sr. ministro da França e adido militar à legação dêsse paiz em Lisboa, subiu ao pedestal do monumento, onde colocou uma rica palma de bronze, com o laço tricolor, sua homenagem aos mortos portugueses da Grande Guerra. Perifilou-se. E fez a continência.

De novo a guarda apresentou armas e se ouviu a *Marselhesa*.

Em continência, também, se apuraram todos os oficiais, em volta, e se descobriram os civis e os populares, a distância.



Bernardette Soubirous em 1870

EM 8 do mês findo, a Igreja católica juntou mais um nome á lista dos seus santos, canonizando a pastorinha ingênua que revelou ao mundo a Virgem de Lourdes.

Ante os relatos de Bernardette e a veracidade dos factos sobrenaturais por ela testemunhados podem os incrédulos ficar indiferentes. O que não pode porém ser contestado e atinge proporções de milagre, é a influência enorme que essa pastora humilde exerceu sobre o mundo.

Setenta e cinco anos decorreram já sobre a primeira das dezoito aparições reconhecidas pela Igreja. De 11 de Fevereiro de 1858 a 16 de Julho do mesmo ano, uma imagem que Bernardette descreveu como «vestida de branco, com um cinto azul donde pendia um rosário, e aureolada por uma claridade sobrenatural» surgiu ante os olhos atônitos da pastorinha na gruta milagrosa, ao tempo conhecida por gruta de Massabieles.

Catorze dias depois da primeira aparição, Bernardette descobria a fonte milagrosa, onde os devotos de todo o mundo buscam hoje o alívio dos seus males.

Por fim, em 25 de Março a aparição revelava-se por estas singelas palavras: «Eu sou a Imaculada Conceição».

A primeira pessoa que teve conhecimento destes factos sobrenaturais foi o cura Peyramale, da freguesia de Lourdes, ao tempo localidade muito modesta. Ante as confissões da pastorinha o sacerdote ficou, porém, incrédulo, e Bernar-



Vista do castelo de Lourdes, hoje adaptado a museu regional.

dette dirigiu-se então ao padre Sampé, que também a não escutou. Monsenhor Laurence, bispo de Tarbes, aos ouvidos de quem chegou o eco das revelações da Bernardette, não lhe prestou mais atenção que os outros e até nas suas conversas se ria do que elle chamava pretensas aparições.

Não foi, portanto, fácil á pastorinha fazer-se ouvir pelos homens da Igreja. Mas em compensação o povo escutava-a e a fama das aparições, da gruta milagrosa e da fonte descoberta por Bernardette começava a espalhar-se.

Quem era Bernardette Soubirous?

Os seus biógrafos são pródigos em pormenores. De tudo o que sobre ela deixaram escritos conclui-se que era uma criança ignorante. Não sabia ler nem escrever e a ama a que fora confiada teve enorme dificuldade em lhe enviar os rudimentos do catecismo.

A família de Bernardette pertencia á classe mais miserável dos habitantes de Lourdes.

O pai fora moleiro, mas tendo perdido tudo quanto possuía, forçoso lhe foi vender o moinho e trabalhar como cavador. Um ano antes da primeira aparição estivera mesmo preso, acusado dum roubo de farinha, ao que parece injustamente.

Apesar de ignorante, Bernardette não era contudo privada de espírito nem tinha a exaltação mística de algumas religiosas.

Possuia o sentimento do ridículo e disse deu provas no decorrer da sua existência.

Conta-se que já no fim da vida, tendo

O MILAGRE DE LOURDES

A Igreja canonizou a "irmã,, Bernardette

setenta e cinco anos após a maravilhosa aparição da Virgem á pastora

dado entrada no Convento de Nevers, onde veio a morrer em 16 de Abril de 1879, travou com uma freira, que lhe testemunhava uma admiração cheia de idolatria, o seguinte curioso dialogo:

— Para que serve uma vassoura?

— Uma vassoura? Para varrer... —

retorquiu a freira.

— E depois?

— Depois...

guarda-se atrás da porta.

— Pois bem, minha irmã — concluiu Bernardette — é essa a minha historia.

Não era pois em espirito limitado ou misticamente exaltado, como se pretendia fazer crer.

Certo dia, em Lourdes, ouviu alguns peregrinos que diziam entre si:

«— Se eu pudesse cortar um bocado do vestido dela...»

Bernardette voltou-se e serenamente, sem o mais ligeiro assomo de cólera, disse:

— Como vocês são imbecis!

De outra vez, referindo-se ao seu retrato que os peregrinos de Lourdes compravam avidamente, disse para as freiras que a rodeavam:

— Vendem-me por dois "sous"... e na verdade não valho mais.

Duma enorme simplicidade, o seu caracter não se modificou após as aparições. Nunca nela se manifestou exaltação ou orgulho. Revelou sempre um robusto bom senso, uma noção exacta do ridículo, de que as suas palavras atrás reproduzidas são eloquente exemplo. Ás perguntas que lhe eram dirigidas respondia com desembaraço e firmeza. Quasi sempre com certa regidez, porque era totalmente desprovida de imaginação.

Aos dezasseis anos, porém, o seu espirito conservava ainda



O catecismo de Bernardette

mente transformada. Está situada á beira dum pequeno regato cuja corrente fazia girar

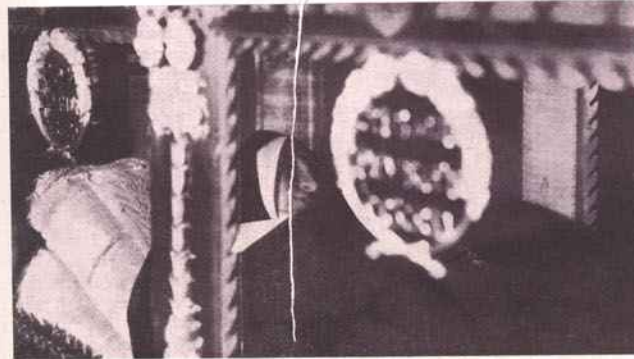
o velho moinho. Contudo ainda lá se pode observar o quarto estreito e nú onde a santa nasceu.

A «masmorra», que é sem dúvida a mais interessante das três casas, deve este nome ao facto de ter outrora servido de cadeia municipal. É difficil imaginar residência mais lúgubre e miserável. Um único compartimento com três metros de largura por quatro de comprimento. Duas frestas gradeadas comunicavam com o bôco que hoje já não existe. Durante a noite para se proteger do frio a família Soubirous pendurava um pobre farrapo ante essas grades desguarnecidas. Á direita, perto da entrada, ficava a cama dos pais. Em frente, entre a chaminé e a parede, a de Bernardette. A esquerda, estendidas sobre o solo húmido, três esteiras onde dormiam os três irmãos mais novos de Bernardette. Não havia mesa. Comia-se sentado na cama, ou de pé junto ao rebordo da janela.

Tal foi o cenário que decorreu uma grande parte da infância de Bernardette e, mais propriamente, no período em que as maravilhosas aparições da gruta de Massabieles se lhe revelaram.

Lourdes conserva piedosamente as casas que Bernardette habitou na sua humilde existência. São três: o moinho onde nasceu, a «masmorra» onde vivia por ocasião das aparições e a casa paterna que lhe foi oferecida anos mais tarde por mons. Laurence, bispo de Tarbes.

Da primeira pouco resta. Foi parcial-



O corpo de Bernardette na urna de vidro que se encontra na Igreja de Nevers



O transepto da Igreja de Nevers onde a urna de Bernardette se encontra exposta

Finalmente, a casa paterna oferecida á família nove anos depois da primeira aparição, tem ainda o mesmo aspecto humilde e pobre. Como pormenor curioso, vê-se aí o leito de Bernardette rodeado duma grade de ferro que tem por fim evitar que alguns peregrinos, no fervor da sua adoração pela santa, retalhem a madeira de que é feito o móvel.

Numa palavra a recordação de Bernardette Soubirous vive ainda intensamente em Lourdes e no espirito do povo francês. Canonizando-a, a Igreja limitou-se a reconhecer oficialmente a missão divina que o mundo católico há muitos anos atribua já á humilde pastorinha.

As festas da canonização decorreram em Roma com grande pompa. Todo o povo francês se associou a essa suprema homenagem da Igreja católica prestada á pastorinha humilde ante cujos olhos virginais a Virgem se dignara aparecer. Um enorme retrato da santa, devido ao pintor italiano Bernini esteve durante todo esse tempo exposto ao público na fachada da grandiosa catedral de S. Pedro.

Mesmo para os que não admitem o sobrenatural, o caso de Lourdes não pode deixar de constituir um perturbante prodigio. A criança mais humilde e ignorante de todas faz acorrer a uma gruta quasi desconhecida milhões de fieis do mundo inteiro. Há nisto, sem dúvida, matéria para profundas meditações.

A pintura portuguesa conta com um novo professor

O ensino das Belas Artes, em Portugal, com reformas periódicas e comedidas, vai-se pouco a pouco renovando, ainda que numa lentidão empecilhante que o peia às velhas fórmulas do tempo de Passos Manuel. Mas — diz o povo — antes de-vagar que parado... Nas escolas de Lisboa e do Porto, depois de renhidos concursos, nos quais se degladiam métodos antigos e orientações modernas, tem ultimamente a justiça oficial dado a preferência aos novos, numa louvável intenção de arejar o ensino e revigorar o professorado. Para isso muito veio contribuir a Nova Reforma elaborada há dois anos, por dois directores cultos, que guardam ainda na guelra o sangue benéfico dos batalhadores em prol da civilização, e por alguns artistas nunca viciados pelos mexericos do professorado, amando tanto a Arte como a sua profissão. Lembrar-lhes os nomes é uma homenagem merecida, visto eles terem escapado por entre as malhas do anónimo ao «Diário do Governo». D. José Pessanha, Marques da Silva, Pardal Monteiro, Sousa Lopes e Diogo de Macedo são os autores dessa Reforma que ora

vai de frutificar lindamente, sobretudo na Escola do Porto, aonde ela logo entrou em vigor e ao cabo de tão pouco tempo revelou novas vocações e entusiasmos, devido aos estímulos que, por meio de concursos de emulação e exames de primasia, a nova orientação estabeleceu para com dignidade se poder considerar um *Curso Superior*, título que aqueles estudos acabam de conquistar.

Há poucos dias que essa Escola do norte premiou um novo artista, pintor dos mais pintores da nossa terra, talentoso e exaltado de fé, considerado por novos e velhos como um dos mais iluminados paisagista, que não só honra o Alentejo, onde nasceu, mas todo o país, que acusado de rivalidades bairristas, nesta hora o Porto vem de prover serem infundados tais dizeres malicentes apregoados pelas bôcas dos botequins. Ainda bem, e bem haja quem anda ao cimo destas aranhaças presunções. Dordio Gomes foi o primeiro classificado entre a meia dúzia de concorrentes ao lugar de professor de pintura, na antiga Academia de S. Lazaro.



Dordio Gomes

Ali, naquela Escola de tão belas tradições, donde saíram pintores como Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão (outro alentejano tão ilustre como esquecido), não irá por certo Dordio Gomes deslustrar a cátedra que conquistou ao lado de Joaquim Lopes, que pelas vagas deixadas pelos mestres Marques de Oliveira e António Carneiro, com tanta felicidade foram preenchidas.

Dordio Gomes que sempre se distinguiu em concursos variados e exposições, não só entre-portas como no estrangeiro, tem sido, segundo os ventos da crítica, acoimado por uns de modernista e por outros de tradicionalista, o que prova ser êle um consciencioso pintor, visto a arte seguir uma linha contínua — bem sinuosa muitas vezes — para exprimir uma verdade eterna que cada época e cada meio têm fatalmente de prègar, pelo génio dos seus poetas e dos seus artistas.

Felicitando Dordio Gomes pelo seu triunfo, a *Ilustração* aplaude também a Escola nortenha pela boa escolha que fez, para honra da Arte Portuguesa.



O quadro de Dordio Gomes que alcançou o 1.º premio do concurso para professor na Escola de Belas Artes do Porto

C. de Mafamude.

AS FESTAS DO NATAL

NO JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS. — Com a presença da sr.^a D. Guilhermina Bataglia Ramos — viúva do grande poeta e pedagogo João de Deus — efectuou-se neste estabelecimento escolar uma interessante festa para comemorar o Natal. Houve canto coral e danças de roda. As professoras e a regente fizeram larga distribuição de brinquedos. Assistiram muitas famílias das creanças. A festa resultou encantadora para o que contribuiu a boa vontade da comissão de assistência a que preside a mãe do sr. dr. João de Deus Ramos, figura bondosa de senhora e que de alma e coração se tem dedicado à obra admirável que os Jardins-Escolas veem realizando.



NO POSTO DE PROTECCÃO Á INFANCIA. — Esta prestimosa instituição distribuiu na véspera do Natal, a 100 creanças, fatinhos de malha e brinquedos. Ao acto, que decorreu com grande alegria, assistiu o sr. dr. Alberto de Faria, director geral de Saude, que proferiu um interessante discurso, elogiando a obra dos Serviços de Saude e fez realçar os serviços revelantes prestados pelo Posto de Protecção á Infancia.



O «NATAL DO SINALEIRO» — Constituiu um verdadeiro acontecimento cívico, tendo sido um espectáculo inédito entre nós, a iniciativa da direcção do «Automóvel Club de Portugal»: O «Natal do Sinalero». As ofertas entregues aos policiaes-sinaleiros foram numerosas. Desde géneros alimentícios, roupas, camas, aves, brinquedos, até ao confortavel «mapple», tudo lhes foi oferecido. A nossa reportagem gráfica dá bem ideia do que foi essa tarde lisboeta. Os postos estavam transformados em verdadeiros armazens. Os serviços por eles prestados tiveram bem a sua recompensa. Até receberam um automóvel de presente... Foi uma iniciativa simpática e que deve repetir-se. O seu éxito será sempre o mesmo, pois que a todos aproveitou os bons serviços dos guardas de trânsito.





NATAL E ANO NOVO

a sua vida, que eles julgaram ser mais risonha por se verem livres e independentes da tutela dos seus maiores.

Puro engano, contudo, e, nestes dias que revolvem nos cérebros mais obtusos, cinzas que não esfriaram de todo, hão-de sentir-se desamparados.

E era tão lindo, esse costume, era tão comovente, essa reunião de gente do mesmo sangue, para juntos renderem graças ao Senhor, que o coração se nos confrange, ao vermos hoje tanta indiferença, tanta frieza até, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs.

Mas, há sempre uma consolação para todas as dores, este mal não é geral e nestes dias que marcam, na nossa passagem pela terra, vê-se ainda sentada à mesma mesa muita família unida e feliz.

Ano Novo! Quanta felicidade, quanta desgraça encontras no mundo, sempre



ESTAMOS na quadra do ano em que a nossa sensibilidade mais se aguça e a nossa memória toma desenvolvimento maior.

Todo o passado nos acode á lembranças, todos os afectos tomam o caminho do nosso coração.

O que já nos esquecera e o que pensávamos já para nós não ter nenhum valor, apresenta-se de novo ante o olhar da nossa recordação, em proporções exageradas até pela lente da saúde.

Nos dias vulgares em que a vida segue indiferente e monótona, parece-nos que nos afastamos para sempre de ideias e pessoas que nestes dias festivos nos dão a impressão de estarem perto de nós, se-gredando-nos pormenores do tempo que passou, fazendo-nos reviver momentos felizes e outros desventurosos, com a intensidade do primeiro golpe.

Natal e Ano Novo, duas datas que os homens marcaram com letras que nunca mais se apagam, no calendário da vida.

Natal, a festa da família, é pena que tenha perdido muito da sua imponência de ternura.

Em épocas idas, épocas que infelizmente nos são conhecidas apenas pela tradição, na ceia da noite do Natal — a consoada como lhe chama a gente do Norte — reunia, em volta da mesma mesa, avós, filhos e netos, e até os parentes mais afastados.

Vinham de longe, os que por longe andavam em busca da fortuna, para participarem da comunhão do mesmo affecto, quer chegassem com a sacola do pobre, quer com o livro de cheques no bolso; e, se uns se enchiam de vitualhas caras e saborosas, os outros entornavam a "malga" do caldinho verde, conduzando o seu pedaço de pão com o mel sabroso do carinho mútuo.

E nenhum faltava à convocação do chefe, para festejarem juntos a vinda do Menino-Deus que trouxe aos povos uma religião nova — a religião do amor e da bondade — e cimentarem melhor o laço que os unia e os tornava mais fortes contra as investidas da má sorte.

Hoje, esses laços que acorrentavam, no mesmo sentimento de dedicação e sacrificio, os membros duma família, relaxaram-se, deram de si, e daqueles que prendiam muitos se escaparam para viverem



que chega a tua vez no rodopiar dos dias, e quantas surpresas nos reservas!

Inconstante e doidivanas, nunca és o mesmo para todos, nem mantens, para ninguém, humor igual.

Trazes, umas vezes, aos teus eleitos, risos, outras vezes, só lhes ofertas lágrimas. E tens, então, os esquecidos, aqueles sobre quem despejas sempre o resto do teu saco de infortúnios.

No mesmo quadro, desenhado por ti, há manchas de luz e de treva. Dum lado, os fartos, os venturosos, dormindo em fôfos leitos bem cobertos e mastigando caras e exquisites iguarias; perto dali os miseráveis que dormem na lage dum portal e roem a côdea dura que nenhum conduto adoça e amolece.

Enquanto aquele passa no automóvel da moda, envolto em peliças e com os filhos chilreando contentes como a passarada num campo de trigo, um seu irmão em Cristo, um ser feito do mesmo barro e com a mesma partícula divina a iluminá-lo, arrasta-se andrajoso, trazendo a reboque a sua ninhada pàlida e faminta, tiritando de frio.

Não são de aconselhar, nem devem aconselhar-se, a extorsão violenta e a violenta divisão dos bens e confortos.

Cada um que amealhou, cada um que trabalhou ou que dos seus herdou fortuna — tem direito a gozar e a conservar o que é seu.

Mas um pouco de socialismo nas almas, só nas almas enquanto a outra feição não fôr devidamente compreendida, mudaria muito a face do mundo.

O socialismo à maneira de Cristo — "Ajudai-vos uns aos outros" — esse, nunca poderia ser uma chaga social.

Que os fortunados se lembrem dos infelizes, que aqueles que não são ricos bebam menos um cálice de vinho generoso e comam um doce a menos, e já com isso, na tosca mesa do pobre, haverá uma sopinha fumegante, no seu catre um cobertor a mais, e na boquilha descarnada da infância desvalida um mais claro e franco sorriso.

Mercedes Blasco.

Os retratos dos chefes do Estado destinados ao Palácio de Belém

HENRIQUE MEDINA concluiu duas obras de arte que vão enriquecer a galeria do Palácio de Belém. Pintando os retratos dos chefes de Estado — srs. general Carmona e almirante Canto e Castro — o pintor Medina, fez obra de magistral relevo, duma admirável qualidade de pintura, tornando-os dignos de passarem à posteridade como documentos que enriquecem sobremaneira a escola do retrato da pintura portuguesa. Depois de admirar os dois magníficos retratos, é difícil ter uma preferência. São ambos, humanos, verdadeiros, perfeitos, cada personalidade irrompe dum ambiente próprio, onde o equilíbrio, a composição, a dignidade, a atitude, as características de cada presidente, são observadas e traduzidas com um gosto sóbrio e seguro.

Difícil assim se torna preferir qualquer dos trabalhos concluídos, pois se, o do sr. general Carmona é duma tonalidade poderosa e quente, no meio de ouro e vermelhos, sobre um fundo acarinado



escuro, o do sr. almirante Canto e Castro impressiona a sensibilidade dos que tendem para uma harmonia, mais calma dos azuis, dos gris, dos prateados. No entanto, possuem ambos, sem dúvida, essa qualidade rara que vulgarmente se chama "ar". Soltam-se do fundo, avolumam, cada plano está no seu lugar, é tudo justo, equilibrado, preciso.

Henrique Medina, que é notável entre os notáveis na terra dos retratistas, que é, actualmente Londres — tem uma personalidade artística inconfundível. Este requinte de sensibilidade e de técnica, vem-lhe talvez da parte de seu pai, que é espanhol, cuja origem o artista não desmente na virilidade da sua pintura, aliada à sensibilidade portuguesa, delicada e sentimental e que fizeram dele esse artista de que tanto nos podemos orgulhar. Admirado e acarinhado em toda a parte do mundo onde trabalhou vem agora trazer à sua terra um quinhão do seu talento, da sua arte, da sua extraordinária sensibilidade.

Admirar os quadros de Medina é um prazer que a ninguém deve ser vedado. É difícil o acesso ao Palácio de Belém, por isso, até hoje poucos tem ainda gosado esse privilégio, mas seguramente muito em breve todos poderão apreciar, expostos ao público, os retratos magníficos que Medina veio pintar a Portugal, pois a ninguém deve ser vedado o extraordinário prazer de os admirar.—A.

O Congresso Regional Ferro-viário

PROMOVIDO pela Companhia dos Caminhos de Ferro do Vale de Vouga — por iniciativa e organização do sr. engenheiro Francisco de Lima — reuniu há dias o I Congresso Regional Ferro-Viário. Houve exposições em Espinho, Vila da Feira, S. João da Madeira, Oliveira de Azemeis, Albergaria-a-Velha e Agueda. As sessões do congresso efectuaram-se em várias cidades da linha do Vale de Vouga, tendo sido Espinho a terra escolhida para a sua inauguração. Houve visitas várias e passeios. Publicamos nesta página alguns aspectos das sessões e das exposições regionais. O Congresso, quando outros altos serviços não tenha prestado, serviu para uma demonstração de actividade dum das mais belas e prosperas regiões portuguesas, que marca, assinaladamente, um valor económico, sob o ponto de vista industrial, agrícola e turístico do paiz.



O sr. engenheiro Francisco de Lima, administrador-delegado da Companhia Caminhos de Ferro do Vale do Vouga, a quem se deve a iniciativa e a organização do I Congresso Regional Ferro-Viário



Os funcionários condecorados — com mais de 25 anos de serviço efectivo — da C. C. Ferro do Vale do Vouga





A representação que lhe foi entregue pelos delegados do recente Congresso dos Clubes Desportivos, respondeu o presidente do conselho afirmando categoricamente que em breve teríamos, em Lisboa, um Estádio Nacional.

Esta declaração equivale a um meio triunfo para o ambicionado auxílio do Estado às iniciativas desportivas, mas envolve assuntos de um interesse fundamental que a crítica não deve deixar mergulhados em silêncio na expectativa da sua solução.

O Estádio, sendo uma obra de engenharia, deverá em principio ser delineado por engenheiros e arquitectos, mas, destinando-se a finalidade muito especial não pode prescindir das indicações de técnicos conhecedores do assunto e do meio.

Existem, semeados pelo mundo, milhares de Estádios, grandes ou pequenos, modestos ou luxuosos, cada um deles podendo servir de modelo para a futura arena lisboeta. A dificuldade reside em escolher o mais apropriado.

Tanto mal haverá pecando por escassez, como caindo no exagêro. Lisboa precisa de um campo relvado onde se jogue hockey, foot-ball e rugby; a completar, instalações para trinta ou quarenta mil pessoas, oferecendo condições

A QUINZENA DESPORTIVA

Lisboa vai ter um novo Estádio

de visibilidade e acomodação modernas. Esperemos que, no momento propício, serão consultadas as pessoas mais competentes, contribuindo cada uma delas com sua parcela para a perfeição da obra, num integral aproveitamento das boas disposições oficiais. Oxalá não surjam dificuldades neste sentido, aquelas dificuldades de melindres e susceptibilidades, tão frequentes quando em Portu-

EM CIMA: O Estádio de Chicago
EM BAIXO: O Estádio de Amsterdam



gal se torna precisa a colaboração de vários individuos para o mesmo fim.

O comentador da vida desportiva portuguesa não pode desinteressar-se dos acontecimentos directamente ligados à vida social das colectividades, visto serem estas no nosso país a base de todo o progresso e propaganda.

A mocidade lisboeta divide-se pelos clubes da sua preferência e orienta em regra dentro dêles a sua actividade e cultura física. Se o clube é orientado no sentido favorável e oferece aos seus associados os meios de cuidarem do corpo, temos motivo para regozijo porque os moços encontram ambiente propício ao seu desenvolvimento; caso contrário, se o clube vive em marasmo ou falho de condições de actividade nacional, deve-

mos considerá-lo uma entidade nociva para os fins superiores do desporto. Esta é a razão porque as manifestações de progresso de uma colectividade, quando traduzem um trabalho persistente ou uma vontade firme de bem servir os associados, merecem ser citadas com louvor e apontadas para exemplo.

Aplicam-se estas considerações ao Grupo Desportivo "Os 13", a propósito da inauguração da sua sede pró-

pria, fruto dos esforços bem orientados dos seus dirigentes após nove anos de existência gloriosa, a provar como se eleva pelos seus próprios meios uma agremiação modesta, mas animada do melhor espírito colectivo.

A festa inaugural foi brilhante, timbrando pela justificada alegria de todos; o salão de baile, onde se notavam já os primeiros preparativos para sua transformação no ginásio, foi pequeno para conter a enorme afluência, e a sessão solene de abertura, reunindo algumas figuras marcantes do desporto português, como os directores dos dois jornais lisboetas da especialidade, foi uma afirmação eloquente das simpatias que cercam a activa agremiação.

"Ilustração" apresenta-lhe os seus melhores votos de prosperidade e felicita-a pela sua nova transformação.

■

Terminou a primeira volta de um campeonato de Lisboa de foot-ball que não se sabe ainda neste momento se terá sido realmente campeonato ou um simples torneio para entreter.

O caso dos clubes barreirenses, anti-pático mas lógico, ameaça a legalidade das jornadas passadas e pode ser ainda motivo de graves complicações.

Supondo que certos boatos, espalhados em momento demasiado oportuno para que não tenham sido ocasionais, não passam dos simples boatos que por enquanto ainda são, e que os jogos já

O Estádio do "Fluminense" no Rio de Janeiro

disputados contam para a disputa final do título, devemos reconhecer que este campeonato se apresenta como um dos mais interessantes.

Quatro clubes se mantêm, a meio da encosta, com possibilidades de triunfo final, e um quinto, Sporting, pode causar surpresas e poderia também esperar se não fôra um lamentável erro de interpretação dos seus orientadores.

O Belenense terminou à cabeça, vencido unicamente pelo Carcavelinhos; em segundo lugar encontram-se a par, o Carcavelinhos que perdeu contra o Benfica e o União, o Benfica derrotado pelo Belenense e pelo Sporting, e o União vencido pelo Benfica e Belenense.

Verifica-se, portanto, uma situação confusa, na qual os clubes se entrebateram sem que se tenha revelado uma superioridade manifesta dêste ou daquele. É difícil ajuizar com exactidão o valor técnico dos vários grupos da capital, onde parece à primeira vista existir uma crise de forma geral; os jogos internacionais disputados

do Natal ao Ano Bom, contra um adversário de boa classe internacional podem fornecer uma base mais segura e, oxalá, menos pessimista.

Por êles formar o leitor o seu juízo.

■

Um dos maiores exitos de curiosidade dos últimos tempos no desporto parisiense, foi alcançado pela estreia do campeão de força Carlos Rigoulot como lutador de "catch as catch can".

Nessa noite a vasta arena do Palácio dos Desportos encheu-se por completo, pois toda a gente tinha interesse em apreciar o que faria em frente de um lutador hábil e experiente o homem habituado a dispor das mais pesadas massas de ferro.

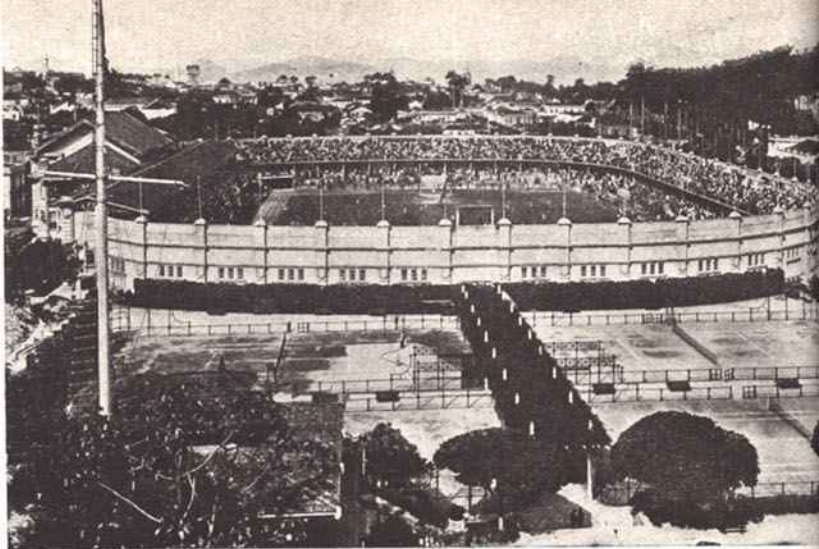
A prova foi decisiva; defrontando um profissional bom combatente, mas muito

mais leve do que êle, Rigoulot dispoz com extrema facilidade do adversário, lançando-o repetidas vezes a alguns metros de distância antes de lhe assentar, sem apelo, as espáduas no solo.

■

A Itália, a quem foi entregue a organização do segundo campeonato do mundo de foot-ball prossegue activamente os tra-

O Estádio de Berlim visto de avião



O grandioso Estádio da cidade de Dresde

dispensaram à esquadra aérea do marechal Balbo.

O Uruguay, vencedor do primeiro campeonato, corre o risco de

não defender o seu título pois se inscreveu fóra do prazo legal e não cumpriu ainda certas determinações legais que lhe dariam o direito de enfileirar com o Brasil, Peru, Argentina e Chile na eliminatória sul-americana.

Os estudantes do quinto ano de Medicina organizaram este ano, além da tradicional récita, uma série de festas no programa de despedida, reservando larga parcela às manifestações desportivas. Realizaram-se um torneio de espada, uma prova de tennis e os campeonatos de natação.

A iniciativa é digna do maior aplauso e deveria ser imitada no futuro de forma a estabelecer as bases indispensáveis ao fomento do desporto universitário.

O motivo mais importante da falência de todos os propósitos de desenvolvi-

mento do desporto universitário em Portugal tem sido a inconsistência de fundamento educativo nos seus promotores. Não devem organizar-se provas de característica escolar sem que existam centros de preparação desportiva para os estudantes; os torneios escolares, para que o seu significado não falhe, não devem ser repetição das competições clubistas, campo de acção para estudantes que sejam na verdade atletas especializados nos clubes. Devemos definir o desporto escolar como sendo essencialmente de preparação e secundariamente de competição. Organizar o desporto universitário, aquele que mais nos deve interessar, não consiste unicamente em fazer disputar provas dando-lhes títulos pomposos de campeonatos.

É indispensável que os estudantes portugueses organizem e preparem eles próprios a sua actividade desportiva. Os organismos federativos que até agora o têm feito, agiram de maneira louvável, desempenhando a sua função de orientadores e propagandistas da ideia, lançando a semente e fazendo-a germinar. O resto do trabalho não lhes pertence; ou não deve pertencer-lhes dentro de uma boa lógica orientadora, sendo neste caso muito aconselhável a teoria pedagógica de Tomaz Arnold, que tão bons resultados causou no meio universitário britânico, e da qual parte a definição primeira do verdadeiro espírito desportivo apresentado como factor de educação moral.

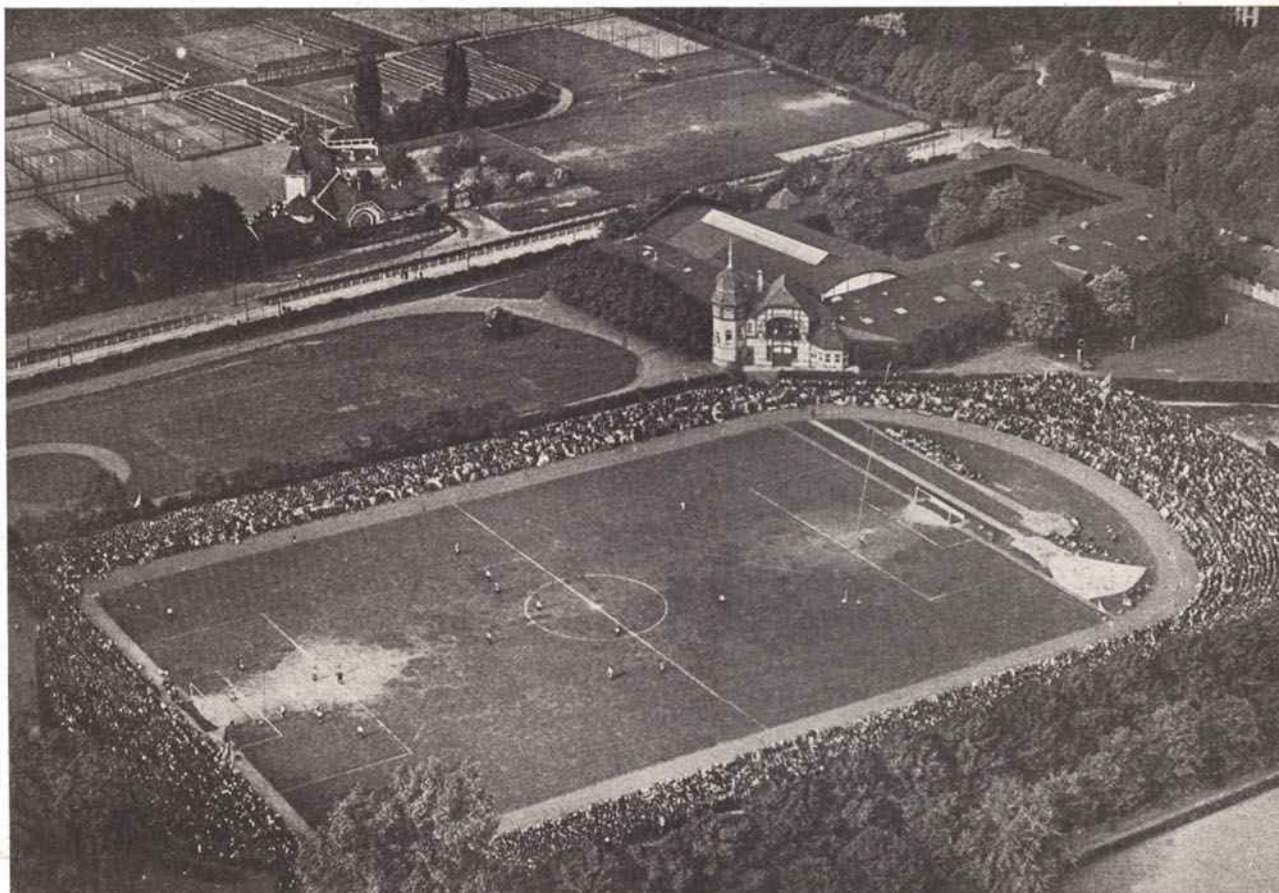
Salazar Carreira.

balhos preparatórios tendo começado já uma intensa propaganda de torneio, que lhe deve trazer a visita de alguns milhares de estrangeiros.

Acaba de ser escolhido, de entre os 134 projectos apresentados ao júri, o cartaz oficial do campeonato, cujo autor é o pintor romano Luigi Martinati, e do qual, vai ser feita uma tiragem-monstro para ser distribuído por todos os países do mundo.

O êxito do campeonato excedeu toda a expectativa, reunindo 32 inscrições, dez a mais do que os concorrentes ao torneio olímpico de Paris. Estas nações foram divididas em doze grupos que estão já disputando, ou vão em breve disputar, torneios de classificação, de forma a serem apurados dezesseis participantes para a prova italiana.

O primeiro grupo compreende Cuba, Haiti, México e Estados- Unidos e d'êles deve sair um único classificado; a rogo da Federação Italiana, aos Estados- Unidos foi conferido o direito de disputar em Itália o jogo de apuramento contra o melhor classificado dos outros três países, isto como testemunho de gratidão pelo acolhimento que os americanos



O grande Estádio de Hamburgo



dos obreiros ignorados. A sua vida não influirá na evolução da espécie, não modificará a sua marcha para ignorados destinos. E contudo, há um momento em que ele exprime, inconscientemente, a força oculta e imensa da raça e da espécie. Dentro do corpito frágil que se debate ansioso para a luz há talvez o espírito dum sábio ou dum filósofo cujas concepções revolucionarão o conhecimento humano. Se assim fôr, é provável que o destino crie obstáculos infranqueáveis à sua plena expansão. Mas a tentativa repetir-se-á. Outras vidas hão-de surgir, num esforço

No despertar duma vida há sempre certa poesia misteriosa e perturbante. O gesto ou o grito com que o novo ser saúda a existência, vem envolto nessa graça subtil das cousas que começam. Seja ele o desabrochar de pétalas, que pouco depois formarão uma flôr radiosa, ou uma contração de mandíbulas que há-de degenerar num esgar feroz.

Essa beleza das cousas que principiam é a expressão do optimismo da Natureza. Cada vida que surge é uma nova tentativa para uma perfeição inatingível. É um passo infinitesimal no caminho da evolução. E todas trazem consigo essa magnífica expressão de confiança e força que a espécie lhes transmite.

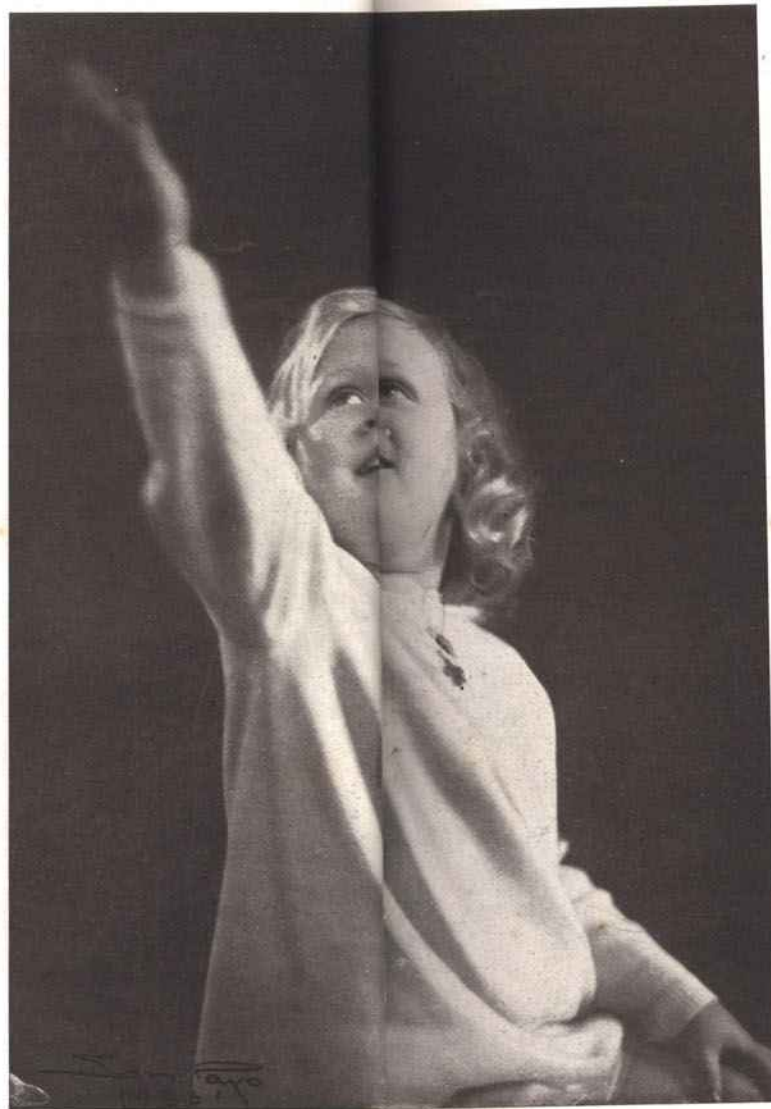
Que importa ao destino da Humanidade que mais um homem nasça? Tudo indica que ele arrastará na vida um fardo de imperfeições igual ao de tantos outros homens. Que se limitará, na sua passagem pela Terra, a acrescentar uma unidade à legião

persistente que nada pode deter. E todas terão a iluminá-las, na primeira fase da existência, esse mesmo optimismo invencível e sereno da Natureza.

Está poesia das cousas que principiam tem o seu simbolismo perfeito na comemoração do Ano Novo. O fenómeno que apontamos na espécie — essa confiança na tentativa incessantemente renovada — reproduz-se no indivíduo através da consagração do Ano Bom.

Que significa a passagem dum ano? Um momento convencional na contagem da era, um ponto escolhido ao acaso na marcha do nosso planeta em torno do Sol. Mas esse ponto, que astronômicamente é igual a todos os outros, tem para os homens o transcendente simbolismo duma experiência que se renova. À beira dum novo ano todos antevemos uma existência mais perfeita, todos formulamos íntimos projectos duma

SALVÉ 1934!



melhor harmonia na nossa vida. E a ilusão repete-se todos os anos, numa revolta heróica contra as decepções da realidade.

Por isso, nas alegorias, o ano que começa é simbolizado por uma criança. Contém como ela o germe de todas as felicidades possíveis e não está ainda assinalado pelo estigma da desgraça. Ao entrar num novo ano, os homens sentem-se melhores e vêem o futuro com cores mais risonhas. Velhos ou novos, optimistas ou pessimistas, ninguém escapa à sedução do ano-criança que surge prometedora de dias melhores.

É essa a razão por que a última semana do ano é consagrada às crianças. Elas constituem a renovação da nossa própria tentativa. Podem ainda realizar aquilo que nós não conseguimos fazer. Entre os seus deditos frágeis e por trás dos seus olhinhos claros agitam-se forças confusas e imensas. E o nosso optimismo que se transfere de ano para ano, cansado por fim dessa peregrinação através do tempo, acaba por se condensar sobre as suas cabeças adoráveis, no desejo profundo de sobreviver a si próprio.

Há crianças que choram. Outras que riem. Estas vêem a vida através dum sorriso largo. Aquelas espreitam-na por trás dum véu de lágrimas.

Optimistas e pessimistas? Não. O riso e as lágrimas são modalidades opostas duma mesma saudação à vida que começa. E esta saudação é sempre optimista, porque contém a certeza inabalável no seu próprio destino. Orva-



lhado de lágrimas ou aberto num sorriso, o rosto duma criança tem sempre a beleza transfiguradora das coisas que começam e exprime gloriosamente a esperança num futuro melhor.

Como a do Natal, a festa do primeiro do ano evoca tódá a delicada poesia da infância, o alvorecer da vida, o mistério da natividade. Exprime uma ideia de renovação, de experiências estereis que se recomçam. Promete-nos um futuro diferente, mais perfeito.

Quem melhor do que as crianças poderia, pois, interpretar a saudação ao ano que começa?

San Payo, o fotógrafo de raríssima sensibilidade, sintetizou na fotografia que ilustra o centro destas páginas a saudação infantil ao Ano Novo. A sua artística composição de claridades e sombras exprime com uma eloquência inexcédível a subtil poesia das coisas que principiam — um ano novo, uma vida nova.

Manuel L. Rodrigues.



Maria Taglioni

DEVEMOS a Théophile Gautier algumas curiosíssimas notícias, deveras interessantíssimas acerca das três célebres dançarinas: Maria Taglioni, Fanny Elssler e Carlota Grissi, que por assim dizer *reíndram* em Paris no século XIX.

A deslumbrante e consagrada Babel dos prazeres mundanos, já que as tinha atraído da sua pátria, instruindo-as, educando-as e *lançando-as*, também adoptou essas três *estrêlas* fulgurantes da coreografia, julgando-as inteiramente *suas*, até ao ponto de, quando a Taglioni assinou um vantajosíssimo contracto para a Rússia, a capital francesa se erguer indignada, cobrindo-a de apostrofes violentas e não hesitando mesmo em chamar-lhe — "exploradora do ouro num país selvagem!"

Maria Sofia Taglioni, nascida na capital da Noruega em 1804 e de condição humilde, empregou pouco tempo para conquistar o lugar ambicionado de *primeira bailarina* da Grande Opera de Paris, onde debutou em 1827.

A sua arte requintada despertou tanta surpresa e admiração, a sua plasticidade impecável provocou tão excepcional entusiasmo, que os parisienses, profundamente impressionados, readquiriram, estimulados por

ela, o seu tradicional gosto pela dança, que se abastardara nos exagerados e artificiosos passos de uma multidão de cocotes e de divanas cosmopolitas. Foi para a Maria Taglioni que o divino Rossini intercalou, como suprema homenagem ao seu formosíssimo talento creador de bailarina, no *Guilherme Tell*, a canção que tão popular se veio a tornar em França:

Un bel oiseau ne suivait pas tes pas...

e o sugestivo bailado que a acompanhava e comenta.

Para a Maria Taglioni, e por idênticos motivos, também o insigne Meyerbeer compoz, no 3.º acto do *Roberto o Diabo*, o notabilíssimo bailado denominado *Alma em pena*.

Mas a arte da Taglioni brilhou especialmente nas *pantomimas* imaginadas por ela e escritas pelos mais inspirados maestros da época. Esses espectáculos de verdadeira gala constituíam sempre sensacionais acontecimentos artísticos, de modo-que, por exemplo, os bailados *A filha do Danubio* ou *A bela adormecida no bosque*, rivalisavam com a *Norma* e o próprio *Barbeiro de Sevilha!*

Maria Taglioni atingiu o apogeu da sua invulgar gloria na grande pantomima *Silphide*, onde demonstrou toda a sua maravilhosa agilidade e os seus privilegiados encantos como mulher.

Quando dançava, o publico tinha a ilusão perfeita de que ela perdera o seu peso, de que dançava como que misteriosamente suspensa no ar, de que apenas esflorava o solo com os seus pés nervosos e de autentica fada! Ao mesmo tempo, Maria Taglioni era extremamente simpática, de uma tocante simplicidade, inculcando no público elevado sentimento de pureza ideal e de profundo respeito.

"Era tão branca!" — escreveu, com saudade pungente, Julio Janin... — "Todos os parisienses a teriam seguido para toda a parte, como as crianças seguem uma banda escocesa."



NO MUNDO

Três das mais célebres

Maria Taglioni
Fanny Elssler
Carlota Grissi

— escreveu Théophile Gautier.

E até o austero filósofo Chateaubriand conservou uma doce e penetrante lembrança dos bailados *in punta* da linda e seductora Maria Taglioni, italiana de nome, norueguesa de nascimento e parisiense pelo espirito e vivacidade.

Em 1847 retirou-se para a Itália, abandonando a cena. Em 1884 faleceu em Marselha na avançada idade de oitenta anos.

Com a Maria Taglioni veio a competir Fanny Elssler, austríaca de nascimento, mas espanhola pelo coração, a qual, volvidos alguns anos, lhe herdou as glorias supremas da coreografia. Mais elegante e talentosa do que propriamente bonita, afirmou-se mimica sem rival nos bailados *Silphide*, *Fille du Danube*, *Muette de Portipi*, etc.

Onde aprendeu Elssler a tocar castanholas com tanta habilidade? Onde conheceu ela as caracteristicas danças da pátria de Cid? Onde adquiriu ela o fulgor estonteante dos seus olhares em fogo, o movimento serpentino das suas ancas esculpturais, a voluptuosidade andaluza dos seus provocantes meneios?

Théophile Gautier, apesar de lhe haver dedicado varios artigos encomiásticos, não informa sobre se a Elssler visitara, alguma vez, as terras de Castella ou se se tornara hespanhola em... Paris. Para ela, *El Diablo Cojuelo*, graciosa fabula espanhola, transformou-se numa pantomima *ballabile*

DA DANÇA

bailarinas do seculo XIX

Taglioni
Elssler
Grissi

em três actos, por obra admiravel de Le Sage.

Eis o retrato de Fanny Elssler traçado por Gautier: "Fanny Elssler é

alta e bem proporcionada nos membros e nas curvas. As suas pernas parecem torneadas como as de Diana. A força, que demonstra, não diminue, mas antes aumenta a fascinação pela sua pessoa. A cabeça pequena, como a duma estatua antiga, une-se harmoniosamente, numa linha irrepreensivel, aos ombros amplos e bem modelados, tão brancos que parecem de neve! Os seus olhos tem uma expressão voluptuosa, maliciosa e doce, que o sorriso argentino, um pouco irónico e um pouco triste, acentua na sua boca original. O nariz admiravel parece esculpido por Fidas; e os cabelos castanhos, com leves reflexos de cobre, ordinariamente divididos ao centro em dois bandós iguais lateralmente, parecem sempre aguardar o peso duma coroa de ouro, como uma deusa, ou de rosas, como uma grande corteza.

Nunca as castanholas retiniram tão vertiginosas e afinadas no palco da Grande Opera de Paris, afirma-o o próprio Gautier, que muito viajou pela Espanha, onde apreciou as mais célebres bailarinas madrilenas, sevillhanas e andaluzas, deleitando-se, no entanto, em descrever os espectáculos da nova favorita, que elle amou e ajudou a conduzir em triumpho.

Mas... bem cedo um audacioso empresário americano fez aceitar a Fanny Elssler um contracto fabuloso,

partindo ella, quasi de surpresa, para Nova York. Então, tal qual sucedera com Maria Taglioni, os parisienses enfiuceram-se contra a *fugitiva*, que os abandonara por "um punhado de ouro.."

Não obstante, os parisienses, mesmo de longe, continuaram a seguir os seus assinalados triunfos, esperando, sempre e ansiosamente, os correios da América e de Petroburgo.

Um dia surgiu a noticia de que os músicos de Nova York, fascinados pela arte sublime da Elssler, tinham desatrelado os cavalos do seu *landau*, puchando-o elles próprios, em outro dia propalou-se que o povo de Petroburgo se ajoelhará á sua passagem... como deante duma deusa!

Fanny Elssler nasceu, em 1810, em Viena, onde também faleceu em 1884, no mesmo anno, portanto, em que morreu a sua rival Maria Sofia Taglioni.

Eis, porém, que se ergue no firmamento da coreografia outro astro de primeira grandeza. Descobriu-a precisamente Théophile Gautier, que affirmára não tornar mais a preocupar-se com as pantomimas da Opera: — Carlota Grissi, a qual, tendo debutado sem successo no teatro *Renaissance*, interpretando o *zingaro de Sauvage*, com música de Fontana, passara a executar partes quasi secundárias, no corpo de baile... da Opera.

Paris não invejou mais nem Nova York nem Petroburgo!

Carlota Grissi nascida em 1819, na Istria, tinha então vinte e dois annos, olhos azuis cheios de ternura, uma pele alabastrina e aveludada, e os seus pés eram mais pequenos do que os de uma autentica *musmé*, como deixou registado Gautier, acrescentando que a sua arte era portentosa: — "Agil e púdica como a Taglioni, correcta e fascinante como a Elssler. Mas mais linda do que ellas, com um corpo tão esbelto e harmonioso que faz cair em extasi.."

Nascera numa aldeia da Istria, num velho palácio abandonado, onde o imperador Francisco José passára algumas noites. Nascera na mesma cama onde



Fanny Elssler

o imperador dormira... Simples coincidência? Era sua filha? Talvez... O que é certo é que a sua peregrina beleza e distincção eram as da filha dum rei das *Mil e uma noites!*

A aparição de Carlota Grissi na *Opera marcou*, no século XIX, o apogeu nos fastos memoráveis da coreografia da Grande Opera. A *Guia de Paris* de 1845 assegura que nunca se haviam dado espectáculos tão soberbos e estonteadores, os quais muito contribuíram para que o govêrno concedesse então à Opera a fantástica subvenção annual de um milhão de francos! Gautier escreveu para ella a pantomima *Gisella*, música de Adam.

Conta-se que Carlota Grissi, apenas em três annos, recebeu de joias três milhões de francos; que nove homens tentaram matar-se por ella e que seis chegaram a suicidar-se!

Um jornalista irreverente compoz, para o epitáfio de tão seductor Barbaazul feminino, este epitáfio:

"Aqui jaz a celebre bailarina Carlota Grissi, que tinha nas pernas uma fortuna... e um cemitério.."

Em 1899, Fanny Elssler, que deixou a carreira, orgulhosamente, em plena glória, faleceu na Suíça, onde fixára residência, na cidade de Saint-Jean.

Emygdio Garcia.



A sr.^a D. Josefina Helena Bliobermicht, com o tenente de marinha sr. João Farrajota Rocheta, por ocasião do seu casamento realizado na paróquia de S. Sebastião da Pedreira

VIDA ELEGANTE

Forte, D. Ema Torre do Vale, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Alice de Sousa Melo, D. Angélica Pavão Pereira da Rosa, D. Carolina de Sommer Temudo, D. Maria José Brazão de Sommer, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Clarisse de Freitas Lomelino de Sousa Guimarães, D. Judite Maia de Carvalho, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Maria Tereza Valdez Pinto da Cunha D. Maria da Conceição Ribeiro da Silva de Noronha, D. Ester Buzaglio Folque, D. Ana Maria da Costa Barros de Moraes, D. Alix Maury de Melo, D. Maria Francisca da Câmara Pinto Basto, D. Maria Tereza Vecchi Pinto Coelho, D. Maria Eugénia Barbosa de Guimarães Serodio, D. Emilia Perry Vidal Pereira de Allen, D. Maria José Ortigão Burnay de Gusmão, D. Maria Izabel Ortigão Burnay de Almeida Belo, D. Anete Amzalack, D. Merita Abdaham Abecassis, D. Berta Mauperrin Santos de Castelo Branco, D. Maria Dargent Pereira Caldas, D. Horamina Pereira Cardoso, D. Joanna de Castel Branco Mendes da Silva, D. Matilde Matoso dos Santos, D. Emilia Alves Arrobas, senhora de Dargent Labá, D. Alice Pinto Basto, D. Maria de Oliveira Reis, senhora de Monfolet, D. Maria Izabel Sampaio de Orey, D. Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto Balsemão, D. Margarida Pinto Basto de Almeida, D. Maria Luiza Paiva Raposo de Almeida, D. Maria Eduarda Quaresna, D. Carolina de Vasconcelos e Sá, D. Maria Vecchi Pinto Coelho de Vilhena, D. Paulina Liebermeister de Noronha, D. Maria Izabel de Avilez de Sousa Rego, D. Eliza Talone Ferreira, D. Maria Baptista de Melo Beirão, D. Maria Carlota de Araujo de Serpa Madeira, D. Maria Margarida Franco Santos, D. Angélica Plantier, D. Maria Emilia Osório (Proença-a-Velha), D. Maria Antónia de Saldanha Marreca Franco, D. Maria Natália Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Lucrecia e D. Maria Oliveira Cezar, D. Kate de Andrade, D. Fernanda de Lencastre Laboreiro Fiuzza, etc.



Casamento da sr.^a D. Laura Cândida Alcoente Mesquita, com o engenheiro sr. Nestor Maciel Madruga de Moraes, realizado na paróquia de S. Sebastião da Pedreira

Diplomatas

No Aviz Hotel, ofereceu o sr. ministro da Suécia, em Portugal, um jantar, em honra do sr. dr. Caeiro da Mata, ilustre ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, ao qual foram convivas além do homenageado, os srs. ministros da França e da Noruega, encarregados dos Negócios dos Países-Baixos, de Espanha e do México, Barreto da Cruz, dr. Teixeira de Sampaio, dr. João de Mendonça, Luiz Keil e consul geral da Suécia.

Festas de Caridade

«CHÁ MAH-JONG»

Constituiu um verdadeiro acontecimento mundano, o «chá mah-jong» de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade levou a efeito a favor da Casa de Protecção e Amparo de Santo António, no salão de mesa do Aviz Hotel, o ponto de reunião quotidiano da nossa aristocracia.

Na assistência recorda-nos ter visto entre outras senhoras as seguintes:

D. Gilda Anziello de Mesquita Guimarães, condessa das Galvêas, condessa da Ponte, condessa do Cartaxo (D. Maria), condessa de Arge, condessa de Seisal, condessa de Castro, condessa de Carnide, condessa de S. Mamede, condessa de Murça, condessa de Castro Marim, condessa de Castelo Mendo (D. Rita), viscondessa de Silveiras, viscondessa da Merceana, viscondessa de Sacavem, viscondessa de Atouguia, D. Luzia Patrício de Fratel, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Maria da Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Berta Ortigão Ramos, D. Luiza Deslandes Blanch, D. Rita Ferrão de Mascarenhas, D. Eugénia Machado Ferreira, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Helena Mauperrin dos Santos Ferrão, D. Maria Izabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Maria Helena de Almada e Lencastre Teles da Silva, D. Angélica Carvajal Teles da Silva, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Margarida Deslandes, D. Laura Reis Ferreira, D. Adelina Santos, D. Stela Belmarço da Costa Santos, D. Maria Berta Ramos de Castelo Branco, D. Maria Izabel de Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria do Carmo da Câmara de Noronha Husum, D. Albertina da Câmara Rodrigues Walden Supardo, D. Berta Goulard Caldas

Casamentos

Realisa-se depois de amanhã na capela de Nossa Senhora da Conceição em Cascais, o casamento da sr.^a D. Maria Tereza Burnay, filha da sr.^a D. Ida Burnay e do sr. Roberto Burnay, já falecido, com o sr. D. João José de Sousa e Faro de Lancastre, filho da sr.^a D. Judite de Sousa e Faro de Lancastre e do sr. dr. D. Fernando de Lancastre.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Josefina Helena Bliobermicht, filha da sr.^a D. Luiza Blanc Bliobermicht e do sr. Ernest Bliobermicht, com o tenente de marinha sr. João Farrajota Rocheta, filho da sr.^a D. Rosa Farrajota Rocheta e do sr. Manuel Rocheta, já falecido. Foram madrinhas as mães dos noivos e padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. José Rocheta.

Celebrou o acto religioso o prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido um lanche da pastelaria «Versailles», na residência dos pais da noiva, seguindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paróquia de Santa Maria de Belem, o casamento da sr.^a D. Amelia Teixeira

Wirtz, gentil filha da sr.^a D. Olivia Teixeira Wirtz e do sr. Albert Wirtz, com o sr. Paulo de Borba Damião Dias, filho da sr.^a D. Herminia de Borba Nunes da Cunha, e do oficial do exército, falecido em campanha sr. Damião Dias. Serviram de madrinhas a sr.^a D. Marieta Berneaut Cayola e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. Júlio de Almeida Cayola e visconde de Olivã. O acto religioso, foi celebrado pelo reverendo prior da freguezia monsenhor Gonçalo Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Durante a cerimonia foram executados no órgão vários trechos de música sacra.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido na elegante residência da mãe do noivo, à avenida 5 de outubro, um lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Laura Cândida Alcoente Mesquita, com o engenheiro sr. Nestor Maciel Madruga de Moraes, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Izaura Vaz de Araujo Santana, D. Lucinda Calder e D. Maria Luísa Madruga de Moraes e de padrinhos os srs. capitão Luiz de Santana e Carlos David,

segundo comandante do forte da Ameixoeira.

— Na notícia e legenda do casamento da sr.^a D. Isabel Maria Henriques de Lancastre (Alcaçovas), saiu errado o nome do noivo, que é seu primo o sr. D. José Luiz de Lancastre e não sr. D. João Luiz de Calheiros.

Baptizados

Na paróquia do Coração de Jesus, a Santa Marta, realizou-se o baptizado da menina Maria do Carmo, filha da sr.^a D. Maria Carolina Norton Alzina Moniz Galvão e do engenheiro sr. Fernando Espirito Santo Silva Moniz Galvão.

D. Nuno.



A sr.^a D. Amelia Teixeira Wirtz e o sr. Paulo de Borba Damião Dias, acompanhados das senhoras solteiras por ocasião do seu casamento, efectuado na paróquia de Santa Maria de Belem

D. Alice Ogando



ENTRE as senhoras que em Portugal cultivam a poesia é justo destacar o nome de D. Alice Ogando, que há dias publicou mais um livro de versos — «Canções da vida e da morte» — onde a sua inspiração se revela espontânea e límpida em versos de magnífico recorte literário.

Joaquim Leitão



NUMA esmerada edição acaba de vir a lume um romance de Joaquim Leitão — o brilhante escritor e secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa — intitulado «Uma mulher ciumenta». Nesta obra, segundo o próprio autor, pretende-se dar uma síntese do génio grego. A crítica acolheu «Uma mulher ciumenta» com unânimes louvores.

Dr. Luiz Macielra



UM dos novos médicos que vem marcando um lugar de destaque no meio clínico português é o sr. dr. Luiz Macielra que acaba de ser nomeado — após um concurso brilhante — médico especialista de oto-rino-laringologia dos hospitais civis.

NOTÍCIAS DA QUINZENA



Dr. Eduardo Coelho

NA Faculdade de Medicina de Lisboa prestou prova para candidato de professor agregado de medicina interna d'esse estabelecimento de ensino, entre outros, o distinto clínico sr. dr. Eduardo Coelho. O tema escolhido foi «Edema pulmonar agudo» e foram seus arguentes os professores, sr. drs. Pulido Valente e Lopo de Carvalho. Além desta prova foi-lhe atribuído um doente do Hospital Escolar de Santa Marta sobre o qual elaborou um relatório que mereceu os maiores louvores do júri. Em virtude das provas prestadas o sr. dr. Eduardo Coelho foi aprovado por unanimidade. Esta decisão do júri foi acolhida com geral agrado, por isso que representa um acto de justiça prestado às brilhantes qualidades do candidato, que se têm revelado no decurso da sua carreira como especialista das doenças de coração e pulmões. Com efeito, o novo professor da Faculdade de Medicina é considerado entre a classe médica como um dos mais hábeis e competentes clínicos da nova geração médica. A *Ilustração* presta homenagem ao novo catedrático felicitando-o pelo êxito obtido, que marca na sua carreira médica um passo definitivo.

D. Olga de Moraes Sarmento



O governo francês condecorou com a Legião de Honra a ilustre escritora sr.ª D. Olga de Moraes Sarmento, que há muitos anos reside em Paris e a quem Portugal deve uma tenaz acção de propaganda de arte e das letras nacionais. A' sua volta, na capital parisiense, reúnem-se sempre os maiores nomes da literatura mundial em festas por ela promovidas e que têm marcado num meio como Paris. O desenho que publicamos é do pintor francês André Ginet. Vem a propósito dizer que a sr.ª D. Olga de Moraes Sarmento é a segunda senhora portuguesa agraciada com tão alta condecoração francesa. A primeira, foi a irmã do falecido conselheiro Aires de Ornelas, religiosa que, no Instituto Pasteur, de Paris, prestou os mais prestimosos serviços. A *Ilustração* felicita a sr.ª D. Olga de Moraes Sarmento pela distinção recebida.

Pintor Adriano Costa



O pintor Adriano Costa — artista dos mais representativos da nossa época — abriu uma exposição dos seus quadros na Sociedade Nacional de Belas Artes. É um conjunto de arte que a crítica apreciou largamente em termos muito elogiosos. As suas obras, «Luz da tarde», «Longo de Sintra» e «Azenhas do Mar», revelam através da sua técnica segura o pincel dum magnífico paisagista.

Aquilino Ribeiro



O grande prosador Aquilino Ribeiro — autor do maravilhoso livro «Maria Benigna» há dias posto à venda — adaptou à nossa época a descrição da viagem de Fernão Mendes Pinto ao oriente. É um trabalho que honra um escritor e que revela uma erudição fóra do vulgar.

Carlos Pinto Ferreira



O Ministério dos negócios estrangeiros acaba de nomear secretário da legação de Portugal junto do Vaticano o sr. Carlos Pinto Ferreira, que há quatro anos servia no Protocolo daquela repartição do Estado. Traia-se dum novo diplomata, de cuja acção muito há a esperar.

Carlos d'Ornelas



A Grande Guerra, onde Portugal tomou honrosamente o seu lugar, continúa dando motivo aos que nela tomaram parte a relatos mais ou menos emocionantes. Carlos d'Ornelas — combatente de França — lançou no mercado o II volume dos seus «Contos amargos da guerra» onde, segundo a sua sensibilidade literária, nos descreve alguns episódios passados no seio do C. E. P.



como o célebre detetive nosso predecessor, um olhar de água, mas enristamos os biceps da nossa pena tomando as primeiras notas avulsas...

Antes de mais, o cenário, ou melhor, o ambiente: Naquelas ruas estreitas, intrincadas, que são já de si auláticas meandros de intriga, com os seus nomes suspeitos e as velhas casas chegando-se, debucando-se numa estética equivocada, a espreitar o que se passa na dos vizinhos de frente, o misero povo trabalhador não misera de sol a sol pois, como já dissemos, é coisa que mal já chega, mas levanta-se cedo e vai para os mais diversos ofícios, donde volta sempre pela boca da noitinha. Esta boca é a que se abre ainda em pleno dia, nos arcos sombrios, nos desvãos escusos, nas próprias portas que se apertam em escadarias, por aquele calvário de escadarias, de becos, de vielas e de praças que estão sempre esguindando-se por horizontes duvidosos.

E não são só os homens, mas muitas das mulheres que, ainda com a revoa de noite, partem para os mercados ou a merce nas ruas; outras, vão elas às compras com o seu dinheiro bem contado e o cabaz

Os que dão Houve intrigas mas o Ano Novo

E, como a roupa, a loica mal chega, e os trastes são os indispensáveis, na casa desta, como na da vizinha do lado, de baixo e de frente. E, agora disto, ou talvez por isto mesmo, é uma pequena inveja o rastilho de muitas disputas que ali se travam, sendo as mais frequentes, provocadas pela laica do cunho, pelo amor que ali como nos patícios, — e desde o pecado original — é sempre o mesmo amor. Porque normalmente o bairro permanece calmo, obscuro, silencioso, ouvindo-se uma ou outra cantilena para afastar cuidados, parecências, agruras, sombras da vida. Mas quando uma língua se desentramela, estala, articula alto, em palavrão ofensivo, acusações tremendas, logo outras lhe respondem, igualmente desentrameladas, deslavadas na réplica, com o mesmo tom e o mesmo vocabulário atumado.

Palavra puxa palavra, que se transforma em palavrão, ofensa, praça, entre gestos que se estendem ampedrosos, se espantam, batem nos corpos, de janela para janela, e destas para a rua e vice-versa. Acorre toda uma vizinhança, famílias in-

à língua... lá p'ro bairro princiou bem

teiras que surgem de dentro das casas, com pequeninos ao colo, e mais filhos cosidos às saias, todos dispostos ao comentário pró ou contra, a abraçar o alarido, a algarazar, que se escanga, abstrai em mal-alta, atumando proporções de motim, augurando os mais fênicos resultados.

Tal foi o estado de «aiós» que o jornalista encontrou, lá onde se dispunha a fazer uma reportagem sentimental sobre a passagem do ano entre os humildes. Entremetidos, investigado, aprou no um grupo de acaloradas vizinhas, que quem *cançara* fora a Anastácia do Zé. É uma mulher ainda nova, bonita, embulhada num encorpado e campudado chilo. Expla-nos, toda convulsiva de gestos o que se passa:

— Quer o senhor saber?... lá a sair de casa, muito sossegada da minha vida, quando aquela desvergonhada (e indica-nos uma janela) se pôe de lá, sem mais, a chamar-me fradiqueira...!

— Fradiqueira, eu!...
— Pois o que é voç? — gritam estracçando, da cidade janela — o que é voç,

seno uma fradiqueira que para aqui anda, uma delam-bida?

— Oh! filha, o que te faz falar é a inveja, a invejizinha que tens da rapariga! — replicam do grupo, que assiste na janela fronteira.

E dum outro, uma moça desgrenhada, que estaciona na porta em baixo, replica:
— Inveja de quê? Se é a Pataca que lhe anda a des-sossegar o nome!...

E a Pataca, que é a primeira que se nos dirigiu, lamenta-se:

— Ora está! Não querem lá ver a minha vida? Andam a fazer a minha desgraça!

— Olhem o traste! Quem não te conhece que te compre — acusam-na.

— E mentira, corja de intriguistas de ma-raça — defendem-na.

— Pois para que se puxa você toda à sustância e é toda olhos para ele? — grita-lhe, organizada, a Anastácia do Zé.

— Eu seje cçuinha! — protesta a Pataca.

— Que se te comam os olhos da cara, que também já te meteste com o meu! — ripostam-lhe.

E ela, com o mesmo despevo:

— Oh filhas, metam-nos onde melhor lhes aperecer... (Aqui não reproduzimos textualmente a frase da Pataca, que ainda disse:)
A mim basta-me o Manuel...)

E, palavras não eram ditas, eis que, como por um escotimento do diabo que por ali andava à solta, surge um homem todo fantástico, seguido de mais novecentos curloso.

E o Manuel da Pataca, sapateiro no bairro, numia escada ali mais acima, e que se pergunta, desatrontado:

— Mas, afinal, o que há? —
— Intrigas, intrigas! —
— chove-lhe dum lado.

— Verdadinhos, verdadinhas — chove-lhe do outro lado.

Anael manda recolher a casa a Pataca, que lhe obedece submissa, sem uma palavra. Depois, indaga-lhe para a janela de Anastácia:

— Você diga o que há, que eu me entendo-se com o seu Zé. Anastácia limita-se a recolher e atirar com a janela.



O último dia do ano foi dos que deram que falar lá no «aiós».

O jornalista, que se dispunha a fazer uma reportagem sentimental sobre a passagem do ano entre os humildes, ficou desiludido. Esteve, mesmo para falsear a verdade, fabricando a sua mesa de trabalho uma dessas mentiras românticas com que de ordinário o publicitário se comove. Porque pintar a verdade seria escrever umas páginas realistas que coruscariam as baibas de Zé e perturbariam o município do Eça, com os seus cursos-directos, que ouvimos de janela para janela, e de porta para porta, num scallhorio onde até não faltaria para as noitras o sol radioso. E as mentiras românticas, e apesar de serem hoje progressivamente cinefêlas, e os seus parças que são os bons burgueses do século XIX, que as levam às revistas, acuar-nos-lam de pornográfico e levar-nos-lam a deixar a quitação do borralho nestas noites frígidas, para escrevermos sucessivas novelas de coloniais tiragens.

No entanto, o jornalista, que é hoje essencialmente reporter — o rival de Sherlock Holmes que sendo o pescador e conselheiro de salvadores casos sensacionais, ainda que os não veja — dispõe-se a investigar. E que a «coisa» parecia-lhe dar que falar, ante o grande espectáculo que se movimentava, e sobretudo se desbo-cava no «aiós», com enorme afluência de esgançadas linguageiras e de almitida filtrada, promovendo mais um crime «pro-jornal», e particularmente ao jornalista, a que se chama na gíria das redacções, um formidável «stro». Assim, não incutimos,

que, ainda com a revoa de noite, partem para os mercados ou a merce nas ruas; outras, vão elas às compras com o seu dinheiro bem contado e o cabaz

volta da meia-hora a levar o jantar à oficina. E a filtrada bravia por ali anda no destarado, na ganãda do pelo, das correrias dejetis e da tapona que leve. Impossível tracê-la bem arranjada naquela vida. Há ainda os pequeninos de colo. Os ganhos mal dão para o seu sustento e a água que se compra, barril a barril, aos cidadãos de Toy, é toda para a lavagem da loica, da casa e da roupa, que tem de enxugar de pronto, porque não é muita e o trabalho suja depressa a que se trã no corpo. Depois, há os filhos que já olham para a sombra, e o «homens» que é sempre o senhor, e tem que se trazer num brinquinho. Assim, a roupa, já decedrada, batida, esgançada pelo uso, sem um bô enbosaedada, está de ordinário embandeirada em arco por aquelas ruas, à espera dum res-teta de sol, dum miungo de ar que a enxugue.



Há quem envolva o Manuel sapateiro, recomendando-lhe moderação, prudência, crechias moucas e palavras loucas. E, com efeito assim parece ser, segundo o que apurámos, e é que o Zé, que vive com a Anastácia, passa pelo mais simpático do «aiós», sendo no fundo um rapaz sossegado e só amigo de graças, a medida que a Pataca, a tem como a badale, a «vamp» do bairro, e lida as amerosas a temem, pela sua breza e a maneira um tanto alambicada com que se veste, sabendo-se bonita.

E a isto se resume todo o chifrim. Porém, depois da grande cena, há quem tem pelo Manuel, demais que lá noite e estinho a chegar o Zé, que lida as noites reentra, alegre no «aiós», lá pelo arco grande. E é para aí que o Manuel se dirige, seguido a furto, por alguns miradros e, entre eles, o jornalista.

De longe, vemos o vulto esguio, al-rodo, do Zé, entrar pelo arco grande. A sombra do Manuel sai, caminha ao seu encontro. O grupo de atalia prepara-se para intervir, chaga-se nos dois homens, e lá a dois passos, ouvimos, na voz alegre do Zé:

— Oh Manuel, e ainda tu te fias em traças de mulheres, quando não têm nada praças de homens. Que diabo! Santos homens para homem... Mas como não há motivo, vamos lá heber «dois»...

E todos pagámos nas últimas palavras do Zé, tirando o ano-novo lá no «aiós», e até ao mal que veio ao mundo, com as muléres!

Alcira Ribeiro.

ACTUALIDADES



UM BANQUETE. — Os oficiais do Batalhão de Metralhadoras 1 ofereceram um banquete de homenagem ao sr. major Lobo da Costa, comandante daquela unidade militar. Ao champagne usaram da palavra os srs. major Aparício, capitão Rocha, tenente Ramos e Silva e alferes Santos, que enalteceram as qualidades de carácter e valor militar do homenageado, o qual, por fim, agradeceu a manifestação de simpatia de que foi alvo e afirmou a sua dedicação pela realização do programa do movimento de 28 de maio.



FESTA DESPORTIVA. — O «Grupo Desportivo os Três» inaugurou oficialmente a sua nova sede com uma sessão solene que foi presidida pelo sr. dr. Salazar Carreira e secretariada pelos srs. Raul de Oliveira e Ermelindo dos Santos. Falaram, tendo sido calorosamente aplaudidos, os srs. Ernani Vieira, Silvestre Rosmaninho, Tavares da Silva, Raul de Oliveira, Pedro de Andrade e dr. Salazar Carreira. Em seguida, a direcção ofereceu um «Porto de Honra» aos jornalistas presentes. Findo este, dançou-se animadamente até de madrugada. O «Grupo Desportivo os Três» — uma nova afirmação de vitalidade no meio desportivo — tem já a servir-lhe uma boa centena de atletas. Com nove anos de existência, é, sem dúvida, um dos clubes que mais depressa tem progredido. Deve-se esse desenvolvimento à tenacidade e ao esforço dos seus dirigentes e à acção dos seus sócios nos campos desportivos.



NA PENITENCIÁRIA. — O Chefe do Estado esteve há dias na Penitenciária onde condecorou três dos mais antigos funcionários daquela caaeta. Foi recebido pelo seu director, sr. dr. Almeida Eusébio, que acompanhou o sr. general Carmona durante a visita, que foi demorada. Numa das salas do edifício encontravam-se formados os presos, tendo o ofeção, organizado apenas há pouco mais dum mês, cantado a Portuguesa e outras canções. Os três empregados condecorados com a Ordem da Benemerencia foram os srs. João de Deus, enfermeiro, com 41 anos de serviço; Manuel da Silva Gomes, correio da secretaria, com 41 e António de Sousa, guarda, com 38.



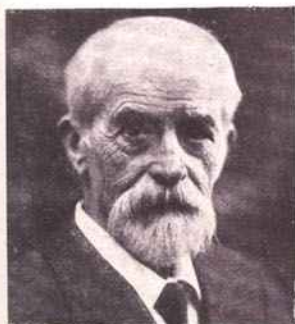
Morreu Gémier

O antigo director do «Théâtre Antoine», de Paris, Firmin Gémier — actor de grande classe e figura inconfundível da cena francesa — acaba de falecer.

Tôda a imprensa parisiense deplorou a sua morte, dizendo que desaparece com êle uma das maiores individualidades do teatro francês. A nossa gravura mostra-nos o extraordinário artista no papel de «Yashao» da peça *Masque*.

A morte de Maciá

MORREU Maciá — o presidente da «Generalidade», Barcelona inteira chorou o homem que durante muitos anos lutou pela independência da Catalunha. Era uma figura popular nessa cidade. O funeral do grande pioneiro da emancipação daquela provincia espanhola constituiu a maior manifestação de pesar de que há memória em Barcelona.

Uma figura de Paris

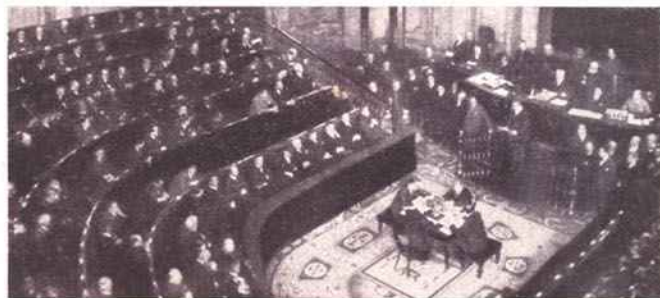
MORREU Luiz Lépine, o antigo perfeito da policia de Paris, que era uma verdadeira figura parisiense. Fechou os olhos aos 87 anos. O seu nome era popular em tôda a França.

PELO MUNDO FÓRA**Morreu o grande pintor espanhol José Pinazo**

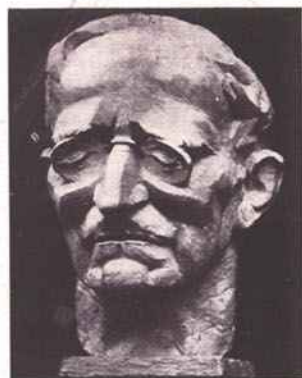
REPENTINAMENTE faleceu, em Madrid, o grande pintor valenciano José Pinazo. A arte espanhola perde um dos seus maiores mestres da pintura. Na gravura vê-se o insigne artista ao lado duma das suas últimas obras, que foi depois exposta na capital espanhola.

Concurso Internacional de Penteados

No «Palais de la Mutualité», de Paris, organizou-se recentemente um interessante «Concurso Internacional de Penteados». Perante uma assistência de alguns milhares de pessoas realizou-se o certamen. O tempo dado para a execução do penteado era de duas horas. Acima vêem-se os dois modelos que obtiveram os dois primeiros prémios.

O novo Parlamento espanhol

ABRIU o novo Parlamento espanhol. Com a vitória das direitas — devido ao voto feminino — foi chamado ao poder Alejandro Lerroux. O momento político espanhol atravessa uma das suas mais interessantes fases. Depois da última revolução anarco-sindicalista as direitas propõem-se governar a contento dos mais extremistas.

O Papa «pousou...»

PARA o conhecido escultor Francis La Monaca o Santo Padre «pousou». Durante quinze dias a figura de Pio X foi transportada ao mármore em três posições. São três obras notáveis e que em breve serão expostas no Vaticano.

Um carnaval industrial

EM Osaka realizou-se um carnaval industrial e comercial. Os habitantes vestiram-se à maneira do tempo dos «shoguns» e desfilaram em procissão transportando cada um amostras de produtos nacionais.

As «Catherinettes» em Nice

ESTE ano, a festa das «Catherinettes», em Nice, teve um êxito retumbante. Afluíram à linda cidade francesa cerca de vinte mil forasteiros. O número que no Casino maior sucesso obteve foi o executado por Aida Marchello que, exibiu um vestido original, evocando as esfesras da Lotaria Nacional.



A máscara ex-
provisória de Siegfried Arno

Realizar um filme em Portugal é empresa sobremaneira difícil. Os produtores de «Gado bravo» souberam encontrar porém uma fórmula excepcionalmente feliz que por um lado lhes garante o seu êxito financeiro e por outro assegura ao filme uma expansão superior à de qualquer outra produção nacional.

Essa fórmula, que por si só revela uma orientação lúcida e competente, consiste no facto de ter feito colaborar artistas estrangeiros no filme, sem que este nada perdesse do seu carácter retintamente português, abrindo lhe assim alguns mercados na Europa onde a penetração é sempre difícil.

Nessa colaboração há que destacar Siegfried Arno, um cómico de grandes recursos que o nosso

público já conhece e que verá desta vez ombrear com artistas portugueses.

O conflito amoroso de «Gado bravo» consiste na luta que o protagonista, Manuel Garrido (papel interpretado pelo actor Raúl de Carvalho) sustenta consigo próprio, numa hesitação entre Branca (Nita Brandão), que encarna as qualidades e virtudes da mulher portuguesa, e Nina (Olly Gebauer) que personifica o sex-appeal e erotismo duma sedutora estrangeira. Como é de prever, Manuel Garrido cede a princípio aos encantos de Nina, mas e Branca que por fim conquista o seu coração.

Este argumento de extrema simplicidade serviu para ordenar um grande número de cenas documentárias de incontestável valor ético. «Gado bravo» não é, porém, — como muito bem o definiu o jovem realizador António Lopes Ribeiro numa entrevista concedida a uma revista da especialidade — um documentário na acepção limitada do termo. É antes um filme de acção em que cada cena é um documento autêntico da nossa terra.

Algumas dessas cenas vão decerto provocar sensação mesmo entre o público português já familiarizado com os aspectos típicos do nosso Ribatejo. Assim, por exemplo as paisagens da lezíria, e

Uma cena de diálogo entre Alberto Reis e Raúl de Carvalho



CINEMA

As lezírias do Ribatejo vistas através duma produção portuguesa

as imagens da lavoura, da debulha, da enjaulação, da entrada de gado e da corrida de toiros.

O poder de síntese do cinema leve neste filme uma aplicação inteligente na reconstrução da aldeia ribatejana. Na entrevista a que já nos referimos, António Lopes Ribeiro pôe em relêvo esse facto nas seguintes palavras que nos parece interessante recordar.

«Pusemos de parte todos os precon-



O sorriso jovial e bem português de Nita Brandão

ceitos de fidelidade corográfica. Fomos buscar para uma mesma cena motivos que distam, na realidade, muitas léguas. A aldeia ribatejana onde decorre a maior parte da acção de «Gado bravo» não existe. É uma verdadeira criação cinematográfica, feita dos mais pitorescos fragmentos de onze vilas e aldeias ribatejanas. E um verdadeiro puzzle armado com ruas, casas e aspectos de Vila Franca de Xira, Alhandra, Alverca, Castanheira, Alenquer, Abridada, Cachoeiras, Cabo, Benavente, Azambuja, Samora-Correia... e Carcavelos! Pois só em Carcavelos encontramos a casa ideal para o protagonista — Manuel Garrido, o cavaleiro taumático e criador de toiros a que Raúl de Carvalho dá uma tão notável interpretação».

O desempenho de «Gado bravo» reinvid, a par dos artistas estrangeiros



Armando Machado visto sob um ângulo original

res rurais que resolvem a sua disputa à caçada;

— a do «cabaret», onde Nita, artista de variedades que tem por «manager» Siegfried Arno, se exhibe nas suas canções.

Chegaram ainda ao nosso conhecimento referências entusiásticas à fotografia que nos afirmam ser notável pelo seu alto sentido artístico.

Cercado duma publicidade sensata e discreta, «Gado bravo» vai, pois, submeter-se em breve ao julgamento do público. Que nos seja permitido, entretanto, independentemente das apreciações que vier a merecer-nos, pôr em destaque e elogiar o espírito de iniciativa manifestado e o esforço dispendido na realização deste filme, a que desde já asseguramos feliz êxito.

M. R.

Greta Garbo está a terminar o filme «Kainha Cristina», obra baseada na vida animada e brilhante dessa mulher singular que ocupou o trono da Suécia. Em seguida Greta terá três semanas de férias e só depois empreenderá a realização de outro filme que será «A vela pintada», extraído dum romance célebre de Somerset Maugham.

Morreu Jean Angelo, o popular artista francês

Actor sóbrio de máscara vigorosa deu ao cinema uma série de honestas criações. O público português, que teve ocasião de o apreciar em diversos filmes, evocará de certo com simpatia a sua memória.

Além de actor de cinema e cantor, Ramon Novarro interessou-se pelo teatro. Como se sabe, possui na sua sumptuosa residência nos arredores de Hollywood, um teatro particular onde dá espectáculos a que assistem apenas os seus amigos íntimos. Mas o joven artista pensa levar mais longe a sua actividade. No princípio do próximo ano, conta estrear-se num teatro mexicano e entretanto trabalhará numa comédia que já começou a escrever. Na primavera Ramon Novarro conta ir pôr a em cena a Londres e se obtiver êxito fará o mesmo em Paris.

Como se vê, nessa produção teatral, Novarro pretende ser autor, encenador e interprete.

Dois dos mais populares romances de Rudyard Kipling vão ser adaptados ao écran por uma grande empresa norte-americana.

Já em tempos se projectara a adaptação de «O homem que queria ser rei» do mesmo autor, mas a ideia foi abandonada.

As obras agora escolhidas são «Kim» e o «O capitão corajoso». Serão as primeiras adaptações ao fonocinema da vasta obra de Kipling.

John Barrymore, que ainda há pouco vimos exhibir-se em «Grande Hotel» projecta uma grande expedição cinematográfica que teria por objectivo filmar a vida das feras que povoam as regiões pouco conhecidas de Alaska.

O romancista inglês H. G. Wells, autor de grande número de novelas fantásticas e de audaciosa antecipação, prepara neste momento, o entredo de um filme que uma empresa britânica se propõe levar à cena sob a direcção de Alexandre Korda. Como não podia dei-

Siegfried Arno dirigindo galanteios a Mariana Alves



sar de ser, o argumento do moderno rival de Júlio Verne terá por tema uma visão do Mundo num futuro longínquo.

Alguns produtores americanos estão marcando uma predilecção bem definida pelos filmes baseados em biogratias de individualidades célebres.

Gloria Swanson, por exemplo, vai evocar no «écran» a figura exceda de Sarah Bernhardt, George Arliss interpretará noutro filme o famoso financeiro internacional Rothschild. E Jesse Lasky estuda a realização duma película baseada na vida de Ana Pavlova, a genial dançarina russa. Wallace Berry, interpretará a figura de Barnum, célebre emprezário de circos norte-americano.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

ESPECIALIDADES ADMITIDAS

A) CHARADAS

- 1) Novíssimas.
- 2) Mefistofélicas.
- 3) Metagramas.
- 4) Sincopadas.
- 5) Em verso.

B) LOGOGRIFOS

C) ENIGMAS

- 1) Em verso.
- 2) Figurados.
- 3) Pitorescos.

HOMENAGENS

PRODUTORES

a) Mais votado:

QUADRO DE DISTINÇÃO

b) Seguinte em votação:

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

DECIFRADORES

a) Da totalidade:

QUADRO DE HONRA

b) De 50 % ou mais:

QUADRO DE MÉRITO

PRAZO DE DECIFRAÇÃO

As listas de decifrações devem ser entregues até 30 dias depois da data da secção.

RECOMENDAÇÕES GERAIS

— Os decifradores de qualquer número de pontos devem mencionar sempre na sua lista o trabalho em que votam, a fim de ser possível a classificação da categoria de PRODUTORES.

— Os colaboradores devem escrever cada um dos seus trabalhos em linguadós de papel separados e de um só lado.

— Cada trabalho deve conter as seguintes indicações: nome, pseudónimo, morada e dicionários utilizados, possivelmente com a referência dos números das páginas de onde foram tirados os sinónimos.

— Os produtores devem abster-se de fazer charadas que comportem *aves, plantas, nomes de animais, rios, cidades, etc.*, e outras cujas parciais seja necessária uma fita métrica para as medir, provado como está que essa modalidade charadística só serve para dar cabo da cabeça aos decifradores, de onde resulta ausência de interesse e até mesmo mau charadismo, o que importa evitar.

— Em tudo o mais, devem os srs. colaboradores orientar-se pelos regulamentos da «Tertúlia Edípica», que são extensivos a todas as secções charadísticas, por conterem matéria aprovada, em devido tempo, por todos os directores de secções.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 1

CHARADAS

MEFISTOFÉLICAS

1) Foi em tão grande quantidade a *paleada*, que até lhe atiraram com um *pedregulho!* (2-2) 3.

Lisboa *Dama Negra*

2) Diz o *texto* que a *verruma grande* pertencia ao *literato*. (2-2) 3.

Lisboa *Moreninha*

3) Com um *calhau suspendo o movimento* a um *coelha pequeno*. (2-2) 3.

Leiria *Pobre Marreco*

4) A minha *irmã* diz que *não* acompanha o *rebanho de gado graúdo*. (2-2) 3.

Caldas da Rainha *Rei Pavor*

NOVISSIMAS

5) Um *pacote* por um *porco?* — Sempre és muito *modesto*... 2-1.

Lisboa *D. Valar*

6) *Elaboração de luto «bordado»*. 2-1.

Leiria *Bravel*

7) *No lugar em que «figura»* a bandeira é que ela deve *tremular*. 2-1.

Lisboa *Gigantezinho*

8) *Distingo «um»* homem que *torna respeitado* o seu nome. 2-1.

Colares *Maria Luíza*

SINCOPADAS

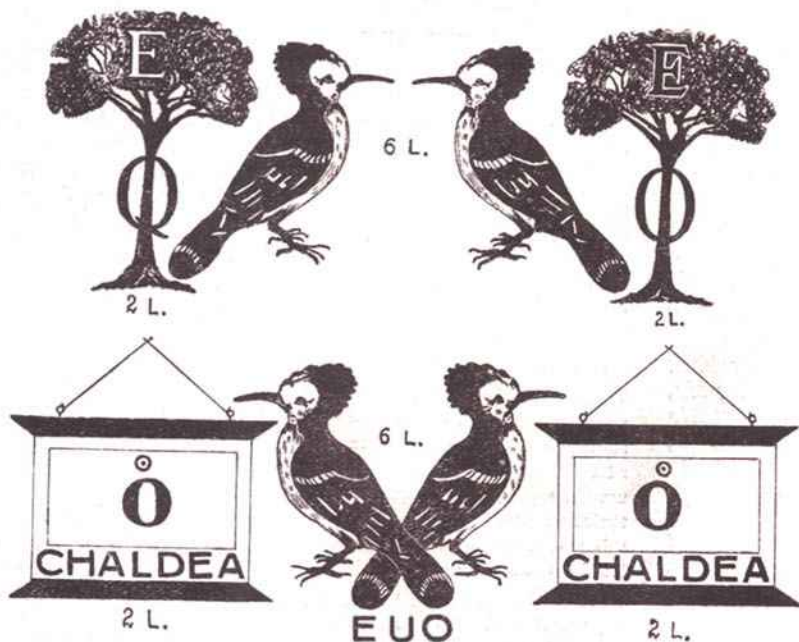
9) Uma *queda* qualquer dá! 3-2.

Lisboa *Alferes*

10) ... depois, deu-lhe com uma *lagartixa* na *cara!* 3-2.

Lisboa *D. Lúcio*

16) ENIGMA FIGURADO



11) Para dar com uma *moca* num homem é preciso *ousadia!* 3-2.

Tramagal *Padre Matos*

12) A *intriga* é sempre forjada em *silêncio*... 3-2.

Lisboa *EM VERSO* *Plino*

13) (*Pálida homenagem aos brilhantes confrades Nicanhões, Alferes, Olho de Lince e incitando o novo confrade africanista.*)

Agora que voltaste, amor da minha vida, Muito mais formosa do que na despedida, Revivendo assim o pensamento doutorosa Em minha pobre alma de infeliz mocidade, Não deixes, amor, o pranto da saudade, Usurpar a alegria que minha alma chora.

Não deixes infeliz que esta força definida, Que me traz em pé, que sustenta minha vida, Me largue, me deixe, sem um fio de esperança, E então este mundo de algozes liberdades Eu abandone, ralado de saudades, E uma mulher carpida, na minha lembrança.

Não deixes que tudo isto seja mero sonho, Simples figurado de meu rosto tristonho, «Antes» afaço meu corpo com teus abraços, — 1 E ao claro da luzerna — pardacenta luz! — Irmos ajoelhar, junto da divina cruz, P'ra que alie o nosso amor com divinos laços.

E aí rogaríamos ao Deus Nazareno, Nos buscasse vivenda em lugar mais ameno; Pediríamos também à Virgem-Maria, Que nos servisse de madre na nossa abrigo, Que fizesse voltar à jucundeza antiga, O lar gelado, de eterna melancolia;

Que fizesse de teus olhos, brilhantes pérolas, De aparência azulada — quais divinas céculas! — E que da deparvada «mulher» primitiva, — 2 — Amante das paixões, amante de tristeza, Em extremo formosa, mas de fera b'leza, — Sómente fôsses uma imagem rediviva.

Lisboa *Vidalegre (S. G. L.)*

14) A tua linda «figura», — 1 Que tanta mágoa me faz, — 1 Minha paixão e loucura, De matar-me é bem capaz...

Lisboa *Alferes*

15) Viver tão longe e sozinho, Sempre a sofrer e a penar, Alma sem lar e sem ninho, É triste a quem sabe amar!

Em sonhos eu vejo-te — *(ardor! — 2)* E sinto a mágoa abrandar, Menor talvez minha dor... É lindo contigo sonhar...

Mas quando o dia aparece E a tua imagem se esvai, Se evola e logo fenece, Do peito um grito me sai!

E enquanto o dia perdura, Só mágoa me vem beijar... Que o peito tanto tortura... Quisera-te *entrelaçar*, — 2

Nessa hora feita de pranto, Pra vida triste esquecer... Unidos, depois — encanto! — Bom era *desfalecer*...

Coimbra *José Tavares*

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUÍZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da «Ilustração», rua Anchieta, 31, 1.^o — Lisboa.

VIDA FEMININA

dade de todos, mas no auxílio mútuo e na harmonia.

Trabalhar, se o seu trabalho é necessário, mas não fugir à sua verdadeira missão, de esposa e de mãe, a sua doce missão, de amparar o homem, de lhe adoçar as agruras da vida e não o espicaçar com a sua própria ambição, à ambição pessoal das que à custa de tudo querem subir, fazendo o mal a torto e a direito, e como mãe criar e educar filhos, a quem a sua ternura tenha dado almas, que saibam ser verdadeiramente nobres e que procurando o seu bem estar — o que tão justo é, — procurem o bem estar de todos, dos que com eles trabalham, dos que lhe estão acima e sobretudo daqueles que servem sob as suas ordens, e que trabalham para o bem geral do país e se a humanidade se quizesse compenetrar de que vivendo unida viveria melhor, para o bem estar mundial. Se as mulheres fossem sinceramente pacifistas e compreendessem qual o seu papel neste mundo, a humanidade seria melhor. Mas infelizmente, nós vemos dum lado e indiferença feminina por tudo o que é política internacional, e por outro lado aquelas, que mais do que os homens exacerbam a paixão política os odios pessoais, numa vontade imperiosa de se tornar célebres, sem compreender que falham por completo a sua bela missão, a que as torna verdadeiramente superiores.

Esperemos, que depois desta vida agitada e confusa de depois da guerra, venha uma nova era. Que todas venham a compreender, que não é vivendo de ameaças contra outros países, e dentro de cada país, em aridas e antipáticas lutas de ambição do mando que está a felicidade. Que outras não são as lutas, que continuamente têm convulsionado nestes últimos anos as cinco partes do mundo, e, que emfim a humanidade compreenda que é na paz, que tudo se resolve e não em lutas fratricidas e sanguinolentas e nesse desejo feroz de fazer mal que parece ter-se apoderado de todos os que têm desejado e provocado guerras e revoluções. Vivamos em paz, cada um na sua esfera de acção, trabalhando para o bem geral, aplanando dificuldades e fazendo com que todos possam trabalhar, respirar, viver e a mulher abandonando ambições, que se não coadunam com a sua verdadeira missão, deve contribuir para o bem geral, desempenhando como deve o seu papel de consoladora e de auxiliar do homem. Mas este sonho dum mundo pacificado, unido num trabalho geral, todo para o mesmo fim, do bem de todos, é talvez uma utopia, que sonhei num fim de tarde deste fim de ano. E o que nos trará o novo ano que começa hoje e que é para todos um enigma que ninguém resolverá e que só os acontecimentos desenvolvendo-se pouco a pouco, desvendarão? Que ele siga um ano de paz, que ele traga a prosperidade a todos, que a pobreza dimi-

nua, que o trabalho aumente, que um raio do sol da felicidade ilumine todas as almas, deve ser este o desejo de todas as mulheres.

Maria de Eça.

A moda

A moda este ano apresenta-nas uma grande diversidade de aspectos. Ela mudou por completo, e, a mulher de hoje em nada se parece com a mulher de há dois anos. As fôrmas arredondam-se, a cintura é bem marcada. Os ombros em toda a sua largura são ainda aumentadas com a guarnição das mangas. Nos vestidos de noite, nota-se este ano um regresso ao «lamé» tão sumptuoso e elegante. Teremos este inverno lindos vestidos em «lamé» de prata, cuja linha «mince» e cujo brilho serão muito admirados nas festas onde se vêem «toilettes chics». Damos a gravura dum elegante modelo em «broché» de prata sobre fundo de musselina de seda preta. As costas muito decotadas, são enfeitadas dum lado por um fôlho, enquanto que do outro lado uma simples alça segura o corpo. O «drapé» da saía forma uma longa cauda. A cintura é marcada muito alto adiante. Jeanne Lauim apresenta um outro modelo para vestido de noite em «crêpe romain» azul pálido. A simplicidade da sua linha esconde uma ciência profunda do corte. Uma «souple draperie» enrolada em volta da cabeça cruza atrás, passa nos ombros e vem fixar-se nas costas. O corpo do vestido é «cou-lissé», a saía comprida e justa forma uma encantadora «silhouette». Noutros vestidos vemos como no modelo que hoje damos um fôlho franzido, em volta do decote, o que dá um aspecto completamente novo aos vestidos de noite. É a continuação lógica dos «faufreluches» deste verão, que em vez de sublinhar as cavas dos vestidos, guarnece o decote. E as joias reaparecem de acordo com esta moda tão enfeitada. O colar de pérolas é de rigor, assim como o fecho de diamantes que segura os caracóis. Nos chapéus damos também uma grande variedade de estilos. Damos hoje um lindo modelo em estilo do antigo Egipto. É em veludo preto e guarnecido a «cellophane». É um lindo modelo elegantíssimo. O prego é em ouro velho. O outro chapéu é de estilo Eduardiano. Em veludo preto guarnecido

UM novo ano começa. O que nos trará ele? O horizonte político mantém-se nublado, nuvens ameaçadoras acumulam-se, umas vezes são afastadas pelo vento dum discurso pacifista, outras uma escaramuça, parece que de novo as traz sobre nós. Mas esperemos com são otimismo, que um vento de paz as leve para bem longe e, que pacificamente este ano decorra num avanço de harmonia geral, e de trabalho pacífico. Um novo ano é sempre para a humanidade que vive de enganadoras esperanças, o motivo para se embalar em novos sonhos. E é tão bom sonhar! E se todos se quizessem unir num verdadeiro sentimento de fraternidade universal, como o mundo se podia modificar. Se os homens puzessem de parte as suas ambições pessoais, se os países num bem entendido patriotismo, em vez de se armarem uns contra os outros, num intento de destruição, se armassem de boa vontade e prosperassem num trabalho, que os engrandecesse, num trabalho, que a todos faria felizes e que concorreria para o bem estar da humanidade, a todos dando que fazer e todos tendo para o seu sustento o indispensável pão, era melhor. Convencer toda essa gente de que todos somos irmãos, todos temos direito à vida. Os que têm fortuna empregá-la de fôrma a dar trabalho aos que o não têm, garantindo assim o seu rendimento e o bem estar geral. A mulher compreender, que não é na luta feroz contra o homem, na concorrência violenta, que está o seu bem estar, e, a felici-





com uma pluma de avestruz, caindo atrás. A copa é mole e a aba curva-se graciosamente carregando na testa e levantando aos lados. Mas um chapéu novo, gracioso e encantador é o modelo de Maria Guy. É em tecido «suéde», castanho «drapé» no alto e posto atrevidamente ao lado. As extremidades do tecido reúnem-se ao lado num engraçado lacinho. Os cabelos ficam à mostra. Qualquer destes modelos é dum junho moderníssimo e da mais alta elegância. É sempre para nós, do maior cuidado o apresentarmos às nossas leitoras o que há de mais «chic» e moderno e que pode torná-las duma elegância de fino gosto e de alta distinção. A mulher tem de atender a tanta coisa para ser verdadeiramente elegante, que é preciso nada esquecer, quando se apresentam modelos e modas novas.

Filha de artista

UMA velha senhora, solteirona triste, com a bonita idade de oitenta anos, morreu há dois anos na Suíça alemã. — A sua morte veio lembrar a tôdas o triste fim de seu pai, o célebre compositor musical Schumann. Maria Schumann, era filha de Clara Vieck, a musa do artista, a mulher que lhe inspirou uma ardente paixão e com quem ele casou, depois de três anos de contínuas contrariedades, causadas pela estúpida obstinação do pai dela, que odiava os artistas.

Esta união conheceu quinze anos de felicidade, para acabar com uma separação, e, a tentativa de suicídio de Schumann, cujas conseqüências lhe trouxeram uma morte prematura. Maria Schumann, que tinha treze anos quando perdeu o pai, conservou sempre dele a lembrança bem viva e querida e até há poucos anos falava sempre às suas poucas relações dele, e entretinha os seus poucos amigos, tocando no piano que lhe pertencera, a música sugestiva do grande maestro.

O passado

NADA há mais vivo do que a lembrança do passado. O «Correspondent» publica um estudo sobre o Paris de há cem anos. Relembrava Carlos X; o pão vendia-se a quatro soldos a libra, os campos estavam povoadíssimos e Paris contava apenas 900.000 habitantes. Durante o Carnaval a duquesa de Berry, deu um sumptuoso baile de máscaras, do qual as crônicas mundanas parisienses se ocuparam por mais duma semana. Maravilhoso o grande cortejo histórico, que representava a chegada de Maria Stuart, que veio a casar com o delfim de França. Há cento e quatro anos, em 1829, inaugurava-se em Paris um serviço regular de «omnibus» e foi introduzido o gás iluminante, duas inovações que

foram mal acolhidas. Os cocheiros dos fiacres protestaram e não faltaram canções satíricas. «Omnibus quer dizer em bom latim que os cocheiros, ficarão sem pão nem vinho». Enquanto ao gás, temiam estupidamente que propagasse doenças e por fim a peste. E as lâmpadas florentinas de petróleo e azeite custaram a desaparecer. Há cento e seis anos no dia 1.º de Maio de 1828, impressionou o suicídio de Angers, da Academia. Na literatura Stendhal publicou os seus «passeios em Roma». Prospero Merimé a «Crônica do tempo de Carlos X». Jules Janin «O rei morreu» e Victor Hugo «As orientais». No teatro, Carlos X, não autorizou a representação da «Marion Delorme» na qual se imaginava caricaturado sob os traços de Luiz XIII. O romantismo apoderou-se do teatro francês com o «Henrique III e a sua corte», de Alexandre Dumas. Na ópera o grande acontecimento musical foi o «Guilherme Tell», de Rossini, que foi um triunfo memorável.

É interessante lembrar estes acontecimentos passados, que estão já tão longe de nós, mas que foram a vida dos nossos avós.

A celebridade

A conhecida artista de café consérto, Mistinguette, célebre pelas suas riquíssimas «toilettes», entrevistada disse: «A celebridade tem suas vantagens e seus contras. É-me muito cômoda num momento de grande tráfico, para seguir adiante com o meu carro, sem me mandarem parar, mas muitas vezes aborreço-me, especialmente nas festas de beneficência, onde se eu vendo num balcão é necessário todo um serviço de polícia para manter a ordem. Tenho tido a honra de cantar e dançar na presença de quasi todos os soberanos da Europa, e naturalmente os perigosos jornais não deixam de maliciosamente juntar o meu nome ao de vários príncipes de sangue real. Entre outras coisas divirto-me ao ouvir dizer, que o rei de Espanha está apaixonado por mim. Apenas lhe falei três vezes em tôda a minha vida. Uma vez em Paris, que depois do espectáculo me mandou chamar para me felicitar, outra vez em Deauville e outra em Cannes, onde encontrei também o príncipe de Gales que gentilmente me congratulou pela minha arte, tendo assistido à representação. O único que reconheço como meu admirador é Inayululah, irmão do ex-rei do Afeganistão; cada vez que vem a Paris reserva invariavelmente um camarote para tôda a temporada que aqui passa. Há anos que coleciona tôdas as fotografias que tenho tirado e quando os rebeldes invadiram o

palácio real de Kabul, encontraram um quarto que tinha as paredes encobertas com fotografias minhas. Além de muitíssimas cartas recebo continuamente prendas e legados de todos os gêneros. Em geral joias. O presente que mais apreciei foi um jardim japonês em miniatura. Um dia recebi um fio de pérolas, dum dos mais conhecidos joalheiros de Paris Primeiro, pensei que era falso, mas depois, quando Max o experimentou viu-se que eram autênticas.» Desta entrevista vemos que apesar do que ela diz a celebridade não repugna a esta artista e que ela aproveitou a entrevista para fazer um auto-réclame, segundo o seu critério.

Higiene e beleza

O cabelo é um dos mais belos ornamentos da mulher, mas no outono cai muito e no princípio do inverno há sempre muitas senhoras que se queixam da pouca abundância das suas cabeleiras e pedem um remédio que as melhore. Primeiro é preciso saber se os cabelos são secos ou gordurosos, porque se não pode aplicar indistintamente qualquer receita.

Para os cabelos secos não há melhor medicamento do que o tutano de vaca. Para esses a seguinte receita: Tutano de vaca, 20 gramas; Óleo de amêndoas doces, 10 gramas; Sulfato de quinino, 2 gramas; Bálsamo do Perú, 1 grama. Para os cabelos gordurosos esta receita não é favorável e é preferível não aplicar medicamentos gordurosos. Para esses aconselhamos a seguinte loção: Ácido fênico, 2 gramas; Tintura de noz vômica, 150 gramas; Tintura de quina, vermelha, 30 gramas; Tintura de cantáridas, 2 gramas; Água de colônia, 420 gramas; Oleo de amêndoas doces, 120 gramas. O cabelo deve ser lavado todos os meses e deve-se empregar ou um bom «shampoo» ou um sabonete medicinal.

O cabelo

NA América as mulheres deixam crescer a cabeleira. Mas não nos alarmemos: o penteado feminino sofre freqüentes alterações, porque em



geral a mulher sente de vez em quando a necessidade de mudar a expressão do seu rosto. Na Idade Média o cabelo cortado era símbolo de fidelidade conjugal. Quando o marido partia para a guerra, a mulher presenteava-o com a sua bela cabeleira, para o convencer que não desejava agradar a ninguém, durante a ausência do amado esposo. Mais tarde M.^{me} de Sevigné que era pouco feliz nos partos, cortou o cabelo e parece que o resultado foi tão satisfatório, que mulheres de outros senhores seguiram imediatamente o seu exemplo. No reinado de Luís XV usou-se o cabelo cortado, com alguns caracóis que caíam no pescoço e davam ao rosto uma expressão infantil. Durante o Terror o cabelo cortado teve outro significado. Todos têm ouvido falar dos chamados «bailes das vítimas», dados pela aristocracia que sabia que se fosse para a prisão, todos seriam guilhotinados. Nessas festas macabras, as senhoras usavam o cabelo cortado. Esta moda triunfou até à época de Napoleão depois da campanha do Egito, porque com o calor cortou o cabelo que o incomodava. Quando voltou vitorioso os seus admiradores homens e senhoras imitaram-no.

De mulher para mulher

Jenny: Sabe que nem todas as suas compatriotas são da sua opinião? Mas é interessantíssimo ver que se adaptou assim aos nossos costumes e agora com o seu casamento ficará verdadeiramente portuguesa. É muito gentil esse oferecimento de seus sogros, mas se seu marido pode pôr casa aconselho-a a que o faça. Nada há como cada um em sua casa.

Ema: Ainda se usam casacos de pele e com este frio são bem cómodos. Para a noite usam-se muito os vestidos em tule, em «crêpe mat» e em setim. Veem-se alguns em veludo. Um livro é um lindo presente e como é impessoal pode fazê-lo.

Sensitiva: Trate os nervos. Essa sensibilidade é allitiva para si e para as que a rodeiam. Creia que é um martírio para todos. Como *toilette*

aconselho-lhe o veludo preto guarnecido a peles, o chapéu também em veludo preto. Os sapatos em pelica ou em camurça. As peles devem sobressair do veludo, mas não devem ser muito claras.

Receitas de cozinha

Paciências: Claras de ovos, 125 gramas; Açúcar pilé, 300 gramas; Farinha de trigo, 200 gramas; a raspa dum limão.

Batem-se as claras numa caçarola pequena até ficarem em ponto de neve, e depois junta-se o açúcar e a raspa do limão, e quando está tudo bem misturado, junta-se a farinha e mexe-se até tudo estar bem ligado. Assim que a massa está feita, deita-se num cartucho de papel que tenha na ponta um orifício do diâmetro dum centímetro e sobre o taboleiro untado de azeite, procede-se à formação das paciências, que consiste em ir apertando o cartucho com ambas as mãos para que, pelo orifício vá saindo a pasta, distribuindo-se as gotas no taboleiro, com ligeireza, formando cada gota uma paciência. Depois deixam-se pelo espaço de três ou quatro horas na estufa para que formem crosta, e depois cosem-se até tomarem uma cor dourada. Devendo o forno estar com um calor suficiente, mas não excessivamente forte. São muito bons para o chá.

Elegância prejudicial

Os prejuizos causados pelo jejum para emagrecer e para conservar a linha, segundo os ditames da moda, para as senhoras, são muitos, sobretudo, porque uma certa reserva de gordura é correlativa à máxima eficácia do organismo, e é uma reserva útil para afrontar eventuais deficiências físicas. O jejum abaixa o rendimento físico e profísico do indivíduo. Só em certos casos o jejum completo ou parcial ou relativo, restringindo a certos alimentos) pode ser útil; por exemplo: aos diabéticos, obesas, artríticas e velhas. Em geral jejua, quem sofre duma prolongada super-alimentação ou de doenças do aparelho digestivo. O jejum é bem tolerado, pelas contemplativas e pelas ascéticas as quais não fazem dispêndio de força física.

Pelo mesmo motivo é recomendado aos velhos. A Bíblia considera muitas vezes o jejum, como um remédio para a esterilidade, este assunto encontrou confirmação recentemente na fisiologia. Não se deve abusar do jejum na juventude e para ser elegante não se deve de maneira nenhuma sacrificar a saúde.

Países de encanto

A Florida é para os americanos do Norte, o que é para

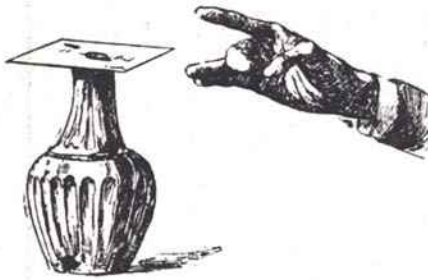
a Europa, a Costa Azul, mais imprevisita, mais bela e mais sumptuosa. Os milionários, até se reúnem um pouco antes do Natal. Uns vão de automóvel e outros nos seus hiates. Alguns desses barcos de prazer, são grandes, como paquetes ou navios de guerra, quando o não são. O hiate «Guggenheim», por exemplo, é um cruzador reformado, que anda 10 nós à hora, e que gasta 160 dólares à hora de combustível. Na Florida vêem-se as mais lindas casas de campo dos Estados Unidos. Em Pam Beach, Josefa Crawder correspondente da «Nación» visitou uma que tinha custado dez milhões de dólares. Não estava acabada. Quando acabada constituirá um grupo de edifícios. Na casa principal alojar-se-hão os donos da casa, as salas de recepção, a sala de baile, a biblioteca e um terraço. Numa casa separada ficam as crianças e as pessoas encarregadas de as tratar. Outra casa é destinada aos convidados e uma outra aos criados. Um americano John Ruggery, tem uma casa ainda melhor. A sua habitação é a reprodução dum palácio veneziano da época mais brilhante. Um terraço de mármore conduz ao mar e uma gondola balança junto às escadas e um moderno hiate está ancorado mais longe. Esta maravilhosa propriedade encontra-se em Sorasota, uma das mais lindas terras da Florida à qual está ligada a recordação do tempo em que a Florida pertencia à Espanha.

O homem do futuro

Um artigo na «Renascença Médica» dá-nos uma ideia humorística do que será o homem do futuro. A visão desse homem não está ainda bem definida na mente dos sábios sonhadores. Há quem, por causa do grande trabalho cerebral, do nosso século, o imagine com uma cabeça enorme e dada a diminuição dos elementos por várias causas, que todos conhecem, com um corpo miserável. Ao contrário há quem diga que o homem do futuro constrangido pelos novos regimes vegetarianos a encher-se de vegetais e farináceos, se apresentará como um jovem paquiderme, com uma cabecinha pequeníssima e elegante, devido ao pouco cérebro necessário para a vida quotidiana, visto que haverá quem pense pelos outros, para os grandes problemas da existência e para isso bastará uma pequena percentagem de filósofos. Mas outras visões aparecem no horizonte, e, apresentam com nova figura e sempre mais graciosa, o homem de futuro. Há pouco o dr. Poroston num congresso médio expoz a sua visão, do homem sem pés e só com uns tócos, devidos ao facto, que os dedos apertados pelos sapatos e obrigados a andarem, a pouco e pouco se ligarão e endurecendo apresentarão um aspecto de sócos ou tamancos.



UM EFEITO DA INÉRCIA



Para efectuar esta experiência precisa-se de uma garrafa de bocal largo, vasia, uma moeda que caiba pelo gargalo da garrafa e uma carta de jogar.

Coloquem-se os três objectos pela forma que a gravura representa, cuidando em que a moeda fique precisamente por cima do bocal da garrafa, e dê-se um forte piparote na carta.

Por efeito da inércia, a carta, não transmite o impulso á moeda, mas sim deixa o lugar que ocupava; e a moeda, inerte, se estiver bem posta no centro do gargalo da garrafa, cai dentro desta, sem se desviar uma linha da sua posição.

BRIDGE

(Problema)

Espadas — V.
Copas — D.
Ouros — 6, 5, 4, 3, 2.
Paus — D. 6.

Espadas — 3	N	Espadas — 9.
Copas — V. 10,	O	Copas — 9, 2.
6, 4.	E	Ouros — R. 7.
Ouros — 10, 9.	S	Paus — R. 10, 9,
Paus — 8, 3.		4.

Espadas — — —
Copas — — —
Ouros — A. D. V. 8.
Paus — A. V. 7, 5, 2.

Trunfo é espadas. S. joga e faz 8 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o 8 de espadas e faz a vasa com a dama de N. N joga, a seguir, o 7 de espadas. S balda-se ao seu az de paus. N joga uma carta pequena de copas. S cobre o valete de E com a sua dama e joga o az.

Jogando, em seguida, o 2 de paus, permite a O fazer o rei, mas este vê-se, então, forçado a jogar outra carta de paus, dando ocasião a que N faça a sua dama de paus e a restante carta de copas.

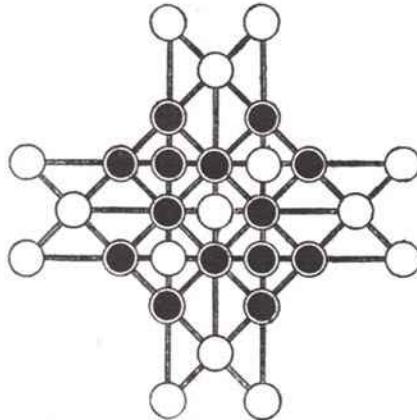
PROBLEMA DE XADREZ

(Solução)

Pretas		Branças
1. D 3 R	}	1. R X C
2. D 6 C D		2. R X C
3. D 5 B D		
		Mate

FIM DE FESTA

MUDANÇA DE PEDRAS



Este taboleiro de damas é composto apenas de vinte e nove casas e quatorze de entre elas, conforme indica o desenho, é que são ocupadas por pedras.

O problema consiste unicamente em deslocar seis pedras que irão tomar lugar noutras seis novas casas, de modo que só se possam contar três pedras em qualquer sentido sobre cada uma das filas ligadas pelos traços.

Será tão simples como parece?

Porque se supõe ser de mau presagio as facas cruzadas?



Anteriormente ao século XVII, quando, mais ou menos, se começou a usar a cutelaria, o punhal que todo o homem trazia, servia para todos os efeitos desde o comer ao lutar. Os homens tinham o seu modo próprio e muito rápido de resolverem as contendas, naqueles tempos; uma questão significava geralmente um combate, e as laminas cruzavam-se no ardor da vingança.

Daí a superstição. E ainda hoje muita gente vê, num inofensivo par de facas cruzadas, o sinal de uma briga e de sangue derramado.

O espírito inglês



— A proposito de livros, é verdade, já leste «Le dernier amour», de Bordeaux?

— Todo não. Acabei-o, mas não o principiei.

(Do «Punch».)

ANEDOTAS

Frederico: — Mas se ela é o mundo inteiro para mim! O que me aconselhas que faça?

Eduardo: — Que vejas um pouco mais de mundo, meu velho!...

Um mestre escola diz, em tom de desprezo para um dos seus discípulos:

— Benza-te Deus, animal! Olha que estás muito mais gordo do que instruído!

E o rapaz, respondeu-lhe:

— Isso, também, não admira. Quem me dá de comer, é meu pai; e quem me instrue é o senhor!

Ela: — Se imaginasse que uma cousa era prejudicial não a fazia.

O marido: — Tal e qual como eu.

Ela: — Pois olha, eu imagino que o fumar é das cousas mais prejudiciais que há.

O marido: — Pois, então, não fumes. Dá-me cá um fosforo, para acender o cigarro.

A dona da casa: — Vocemecê, Gertrudes, esteve ontem à noite, uma hora inteira, à porta da rua, a conversar com um policia!

A Gertrudes: — Então, a senhora queria que eu estivesse esse tempo todo, sem falar com alguém?

Entre mãe e filha:

— Com que então, não queres casar com o Luiz?

— Não, mamã. É um incrédulo, e até me afirmou que o inferno não existe!

— Deixa-o afirmar. Casa com êle, e verás como nós o faremos mudar de opinião...

Ele: — Na realidade, a idade dela surpreendeu-me. Não parece ter vinte e oito anos, pois não?

Ela: — Agora, não; mas suponho que já pareceu tê-los alguma vez...

Um jogador perdeu todo o dinheiro, que tinha, na noite do fim do ano. Quando, na manhã seguinte, uns amigos, que não sabiam do sucedido, lhe davam as boas-festas, ele respondia-lhes:

— Desejo-lhas iguais.

Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal

POR **ALEXANDRE HERCULANO**

3 volumes 1.139 paginas

Brochados 50\$00
Encadernados 45\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 4.ª edição

Terras do Demo

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol de 332 págs., brochado 12\$00

Encadernado 17\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL



**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisa-
ções, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas } brochado 10\$00
encadernado 15\$00

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de
ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 paginas, brochado 20\$00

Encadernado 30\$00

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que atrai, perturba e enlamece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Ficoy (Diário de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diário de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espiritual em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Última novidade literária

O livro duma das mais distintas escritoras portuguesas

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00

encadernado 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.ª EDIÇÃO DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 volume de 262 páginas, brochado 10\$00

Encadernado 15\$00

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR ou O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correpondência, literatura, ao alence de todas as intelligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

5.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 360 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

por A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortócpico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire
e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosissimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMACIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SO RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Acaba de sair

A 6.^a EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não pôde haver livro mais sacro da terra portuguesa, escrito com mais linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado **12\$00**
encadernado **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

ARTE DE AMAR

13.^o e 14.^o milhar

1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00
Enc. 15\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80

LISBOA

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1934**

35.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses
e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas. — Passatempo e Enciclopédia
de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade
nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 463 gravuras
cartonado... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um grande sucesso de livraria

**O NOTÁVEL LIVRO
do major-aviador Von Helders**

Oficial do exército alemão

A DESTRUÇÃO DE PARIS EM 1936

Versão de ALVARO DE ANDRADE e MANUEL LUIZ RODRIGUES

**Formidável trabalho de imaginação
prevendo uma futura guerra aérea**

Esta obra, verdadeiramente extraordinária, de empolgante deli-
neação e atraente leitura, já traduzida em vários países, pro-
vocou tanto na Alemanha, como na França e Itália a maior
sensação e os mais apaixonados comentários.

O público melhor poderá apreciar do seu valor e da sua oportu-
nidade, neste grave momento da política internacional, medi-
tando nas palavras que se seguem as quais, assinadas por uma
alta individualidade militar francesa nos dão o mais completo
significado político e militar do famoso livro:

A destruição de Paris em 1936

“Para melhor compreender a obra do major-aviador alemão Von Helders é necessário que o leitor faça determinadas transposições. É preciso corrigir – como na aviação – a bússola: em vez da agulha apontar a linha Norte-Leste, deve apontar a de Norte-Oeste; em vez da palavra INGLATERRA leia, em todo o texto, a palavra ALEMANHA”.

1 vol. broc., com uma artística capa a côres, **esc. 10\$00**

Pelo correio, à cobrança, **esc. 12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS:**
- 4—1.^a parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.^a parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.^a parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.^a parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.^a parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LEGUAS SUBMARIINAS:**
- 12—1.^a parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.^a parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.^a parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.^a parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.^a parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.^a parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.^a parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.^a parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.^a parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.^a parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.^a parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.^a parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.^a parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.^a parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.^a parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.^a parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.^a parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 1.^o vol.
- 36—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 2.^o vol.
- 37—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
- 38—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
- 39—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
- 40—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.^a parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.^a parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.^a parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.^a parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.^a parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.^a parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.^a parte—*Justica!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.^a parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.^a parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.^a parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.^a parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.^a parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.^a parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.^a parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.^a parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.^a parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.^a parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.^a parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.^a parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.^a parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.^a parte—*O coronel de Kernmor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.^o vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.^o vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA